

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Educação
Licenciatura em Educação do Campo
Ciências Sociais e Humanidades

Alice Cardoso de Araújo

**A HISTÓRIA DA FEIRA DE AGROECOLOGIA E ARTESANATO DE MORRO DO
PILAR-MG: Transformação social, valorização da cultura local e protagonismo feminino**

Morro do Pilar
2023

Alice Cardoso de Araújo

**A HISTÓRIA DA FEIRA DE AGROECOLOGIA E ARTESANATO DE MORRO DO
PILAR-MG: Transformação social, valorização da cultura local e protagonismo feminino**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, habilitação em Ciências Sociais e Humanidades, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo.

Orientador: Prof. Dr. Mateus de Moraes Servilha

Coorientadora: Profa. Me. Aryanne Martins Oliveira

Morro do Pilar

2023

Dedico este trabalho a todas as feirantes.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, por ter me proporcionado tudo que vivenciei até hoje, sou muito grata pelo simples fato de poder acordar todos os dias, ver a luz do sol, ver a beleza da sua criação e usufruir da maior dádiva que tenho, que é viver. Gostaria muito de agradecer minha mãe e pai, por me motivarem a correr atrás dos meus sonhos, ser grata por cada conquista seja ela pequena ou grande, e gostaria de dizer que vocês são pais maravilhosos, que me ensinaram a ser quem sou hoje, sou muito grata e amo muito vocês.

Agradeço meu irmão e namorado por me incentivarem tanto a busca pelos meus sonhos e por me ouvir nos momentos em que eu mais precisava. Aos meus avós que me ajudaram em momentos de fragilidade e me acolherem com todo amor do mundo, sou muito grata por ter vocês.

Sou muito grata a Elisiara que me apresentou o curso de Licenciatura em Educação do Campo, me ajudou com toda a documentação e muitas outras coisas relacionadas ao curso.

Gostaria de deixar registrado o quanto sou grata as feirantes pelo acolhimento e pela ajuda que elas me deram durante a escrita do trabalho e por se dispor a serem entrevistadas, vocês são pessoas maravilhosas, desejo muita felicidade a todas vocês.

Meu Gato Theo que me trouxe sorrisos em momento que me senti triste ou desacreditei do meu potencial.

Agradeço muito aos meus amigos, Thais Almeida, Wesley, Thais Anerita, Henrique, Veilson, Renildo, Mariana Mendes, por me incentivar e me dar apoio em momentos em que eu me senti incapaz, e por me proporcionarem momentos inesquecíveis que irei carregar comigo o resto da vida, vou sentir muita falta de cada um de vocês.

Aos monitores fizeram seu trabalho com amor, nos trazendo momentos de descontração e de muito aprendizado, além de relações de amizade e carinho.

Agradeço imensamente a minha coorientadora Aryanne e orientador Matheus pelo apoio e pelas orientações que foram de grande importância para a escrita do presente trabalho, sou muito grata por toda a ajuda e compreensão.

Aos professores, coordenadores administração e funcionários da Faculdade de Educação que tornaram meu percurso acadêmico mais leve e descontraído, e que nos proporcionaram muitos aprendizados durante esses quatro anos, sou muito grata por ter vivenciado momentos de alegria e aprendizado.

*“Se a educação sozinha não transforma a sociedade,
sem ela tampouco a sociedade muda” (Paulo Freire)*

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo identificar os impactos da Feira de agroecologia e artesanato de Morro do Pilar na vida das feirantes através de um levantamento histórico sobre como foi criada a Feira de agroecologia e artesanato de Morro do Pilar e as práticas sociais culturais, econômicas, solidárias, ambientais e tradicionais presentes ao longo desse percurso. A partir dos levantamentos pude perceber o quanto a feira é importante para o bem estar social e a valorização da cultura local. Escolhi o tema por ter proximidade dele e por ser uma das beneficiadas por ele, foi graças a Feira de agroecologia e artesanato de Morro do Pilar que conheci o curso de Licenciatura em Educação do Campo, e sou muito grata por essa oportunidade que a feira me deu, por este motivo me sinto no dever de trazer as transformações que a feira causou na vida das feirantes e da comunidade local. O referencial teórico consiste em discutir a agroecologia, feiras livres e agricultura familiar que são conceitos presentes na pesquisa e para que haja um bom entendimento ele traz uma discussão bibliográfica de tais conceitos. A pesquisa realizada é a qualitativa, por trazer a realidade dos sujeitos e facilitar no entendimento do tema, foram realizadas também entrevistas semiestruturadas para melhor introdução do tema ao entrevistado e para uma autonomia maior em relação a alteração de perguntas, foi realizado um levantamento documental para obter dados importantes para o desenvolvimento e organização do trabalho, e ao final do trabalho foi realizada a observação participante, para uma melhor escrita sobre as relações presentes na feira e levantamento de dados sobre a renda das feirantes. Pesquisar o tema foi uma experiência única e muito emocionante, e me levou a conclusão que a existência da feira possibilita transformações significativas por proporcionar vivências sociais, culturais, ambientais e econômicas muito importantes para as feirantes e comunidade local.

Palavras-chave: Agroecologia, Agricultura familiar, Feira Livre

RESUMO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

Apresentação do tema, objetivos, justificativa, referencial teórico, metodologia, considerações/descobertas .

Palavras-chave: agroecologia, Agricultura familiar, feiras de agroecologia *Primeira palavra; segunda palavra;terceira palavra.*

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1. Praça de Santo Antônio de Surubi
- Figura 2. Logo da Associação Comunitária de Morro do Pilar
- Figura 3. Foto da primeira Assembleia da Associação
- Figura 4. Sr. Vitor e Bira montando os banquinhos
- Figura 5. Convidados na montando os moveis
- Figura 6. Banquinho feito pelos participantes
- Figura 7. Foto da assembleia anual de gestão da diretoria
- Figura 8. Feirantes que Fizeram Parte da Agriminas
- Figura 9. Produtos expostos pelas feirantes de Morro do Pilar
- Figura 10. Raizeira Dona Maria e seus remédios medicinais
- Figura 11. Foto de uma raizeira passando seus ensinamentos
- Figura 12. Foto tirada durante a oficina
- Figura 13. Foto da feira em seu primeiro ano de funcionamento
- Figura 14. Reunião da diretoria de 2017
- Figura 15. Foto das rapadurinhas do Sr. José Rosa
- figura 16. Momento em que as feirantes receberam os certificados
- Figura 17. Banner 1 criado pelo Orum
- Figura 18. Banner 2 criado pelo Orum Coutinho
- Figura 19. Convite do 1º encontro de raizeiras
- Figura 20. Roda de conversa e apresentação
- Figura 21. Oficina de sabonetes com ervas medicinais
- Figura 22. Limpeza de ouvido feita por Dona Maria com o cone hindu
- Figura 23. Plantas estudadas durante o encontro
- Figura 24. Dona Maria e sua produção de tinturas
- Figura 25. Ervas medicinais usadas pela Dona Maria
- Figura 26. Reunião do dia 03 de abril de 2019
- Figura 27. Foto da recepção da turma CSH
- Figura 28. Convite do segundo encontro de Raizeiras
- Figura 29. Trocas de saberes sobre ervas medicinais
- Figura 30. Dona Maria na Feira da Faculdade de Educação
- Figura 31. Oficina de Canto e Coral no E.E Intendente Câmara
- Figura 32. Agricultores durante a oficina
- Figura 33. Açúcar mascavo
- Figura 34. Entrega da balança digital doada pelo prefeito durante a Assembleia Geral de 2019
- Figura 35. Dona Piedade, Gilsa, Irã e Sr. Joaquim durante as entregas
- Figura 36. Dona Piedade durante a entrega
- Figura 37. Entrega na E.E Cardeal Mota e com a Regina e o filho Felipe
- Figura 38. Produtos entregues
- Figura 39. Dona Santa, Alice e o Sr. José Rosa
- Figura 40. Entrega das feirantes de Morro do Pilar para o PENAE, Fonte: própria, 2020
- Figura:41. Após a Assembleia Geral dos membros do concelho fiscal
- Figura 42. Reunião da diretoria de 2021
- Figura 43. Visita da Coordenadora do ministério da agricultura ao terreno do Sr. Luciano
- Figura 44. Primeira Feira Cultural
- Figura 45. Feirantes e seus produtos
- Figura 46. Demais participantes da feira

Figura 47. Todas as barracas expostas na feira
Figura 48. Crianças lendo os livros disponibilizados pela Arca da Leitura
Figura 49. Reunião com a Rede de intercâmbio
Figura 50. Barraca cedida pela Geralda, uma comerciante local
Figura 51. Barraca da feirante Gilsa
Figura 52. Feira de 2016 com exposição dos moveis de bambu, produzidos pelos associados
Figura 53. Feira em 2016
Figura 54. Feirante Sr. Expedito da comunidade Serra
Figura 55. Convite para a inauguração das barracas novas
Figura 56. Autoridades presentes na inauguração
Figura 57. Inauguração das barracas
Figura 58. Reunião após a inauguração das barracas
Figura 59. Sr. Luciano e sua esposa Dona Piedade
Figura 60. Sr. Luciano na Câmara Municipal de Morro do Pilar
Figura 61. Artesãs produzindo
Figura 62. Artesãs
Figura 63. artesanatos produzidos durante a oficina
Figura 63. Prefeito na 29ª feira Nacional de Artesanato
Figura 64. Feira em parceria com o SEBRAE em 2018
Figura 65. Feirantes Santa, Sônia e Rosalina
Figura 66. Feira do dia 28 de março de 2019 poucos meses antes da pandemia de Covid-19
Figura 67. Festa julina
Figura 68. Oficina de brincadeiras e Abayomi
Figura 69. Feirante Elisiara ensinando a confeccionar a boneca Abayomi
Figura 70. Dona Santa e a Edilene na feira
Figura 71. Santa e Judite na feira
Figura 72. Baner de divulgação da volta da feira
Figura 73. Feirantes e envolvidos na organização da feira
Figura 74. Feirantes Regina e Dona Piedade
Figura 75. Feirante Dona Santa e sua filha, eu, Alice
Figura 76. Feirante Sônia
Figura 77. Feirante Ana Lúcia
Figura 78. Feirante Vânia e sua filha Poliana
Figura 79. Barraca do Sr. Ronaldo
Figura 80. Feirante Aparecida
Figura 81. Barraca da feirante Regina
Figura 82. Feirante Elisiara na festa da banana
Figura 83. Feirante Dona Santa e Sr. Ronaldo na festa da banana
Figura 84. Feirante Regina na festa da banana
Figura 85. Feirante Conceição durante a festa
Figura 86. Lucas, pioneiro na busca da implementação de uma feira em Morro do Pilar
Figura 87. Planta fumária officinalis
Figura 88. Horta da Dona Santa
Figura 89. Canteiro de alface da Dona Santa
Figura 90. Produtos da Regina
Figura 91. Lavoura de Feijão e milho plantada pela dona Santa e sua família
Figura 92. Milho Crioulo produzido pela Dona Santa
Figura 93. Tabela de preços, chamada pública/Agricultura familiar

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EMATER- Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

ATER- Assistência Técnica e Extensão Rural

APA- Área de Proteção Ambiental

PNAE- Programa Nacional de Alimentação Escolar

SEBRAE- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SENAR- Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

DAP- Declaração de Aptidão ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

MDA-Ministério do Desenvolvimento Agrário

CEASA: Central Estadual de Abastecimento

AGRIMINAS: Feira de Agricultura Familiar de Minas Gerais

CRAS: Centro de Referência de Assistência social

LECAMPO: Licenciatura em Educação do Campo

PAA- Programa de Aquisição de Alimentos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. AS FEIRAS E SUAS RELAÇÕES COM A AGRICULTURA FAMILIAR NA TEORIA SOCIAL	19
1.1.	21
1.2. A Agricultura Familiar e as Feiras Livres	21
2. A HISTÓRIA DA FEIRA AGROECOLÓGICA DE MORRO DO PILAR	24
2.1. Percurso Histórico da Associação Comunitária de Morro do Pilar: um movimento social apoiador da feira	24
2.2. Origem da implementação da feira em Morro do Pilar	49
2.3. Percurso Histórico da Feira Agroecológica e de Artesanato de Morro do Pilar	53
3. A FEIRA DE AGROECOLOGIA: VIVÊNCIAS, EXPERIÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS A PARTIR DAS VOZES DAS FEIRANTES	81
3.1. A feira agroecológica como lugar social, cultural e solidário	81
3.2. Feira multicultural promovendo a cultura local e eventos de solidariedade	83
3.3. A Juventude Feirante	87
3.4. Valorização da cultura e dos saberes tradicionais na produção agroecológica e artesanal	88
3.5. Feira como lugar de transformação social e protagonismo das sujeitas	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS	101
APÊNDICES	103
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	106
ANEXOS	108

INTRODUÇÃO

A feira de agroecologia e artesanato de Morro do Pilar é um movimento que preza pelo bem estar social e mental dos envolvidos, além de proporcionar uma alimentação mais saudável para aqueles que consomem os produtos que são comercializados pelas feirantes.

A feira promove relações sociais que vão além do modo padronizado usado pelo capitalismo para atender os clientes, é na feira que as pessoas entendem a importância da agroecologia e da agricultura familiar. É na feira que as pessoas trocam receitas de remédios medicinais e de comidas típicas da cultura camponesa, trocam informações sobre diversos assuntos, discutem sobre questões sociais e fazem amizades com diferentes grupos de pessoas.

A feira promove grandes mudanças na vida das agricultoras, trazendo rentabilidade, independência financeira, bem estar, alívio de problemas emocionais, novas amizades, e melhora na saúde física. Assim como as feirantes a comunidade local também é beneficiada pela feira, com o acesso a alimentos livres de insumos químicos, segurança alimentar, melhora de problemas de saúde com o acesso a remédios medicinais, contato com saberes tradicionais, entre outros. É tudo isso que torna a Feira de agroecologia e artesanato de Morro do Pilar um movimento de grande importância para os demais envolvidos.

O que motivou a escolha deste tema foi a proximidade que tenho com ele, e o fato de que minha mãe e eu estamos inclusas nessa discussão. Desde 12 de maio de 2016, pude ver de perto tamanha mudança que foi feita pela feira em nossas vidas, em relação não só ao financeiro, mas também no psicológico e na nossa forma de nos relacionar com as pessoas. Minha mãe, por exemplo, se tornou oficialmente uma produtora rural com Declaração de Aptidão ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (DAP).

Após esse reconhecimento e certificação, como mencionado anteriormente, minha mãe começou a comercializar as hortaliças que produzimos para a Escola Estadual Intendente Câmara, começou a ganhar seu próprio dinheiro com as vendas, aprendeu ainda mais sobre a agroecologia, fez curso no Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) e fez muitas amizades em instituições sociais, como no sindicato dos trabalhadores rurais de Morro do Pilar. Por acreditar que essas mudanças não ocorreram apenas na vida da minha mãe, mas também na vida de todas as feirantes que conquistaram sua independência financeira e tiveram grande aprendizados ao desenvolverem essa atividade, me propus a investigar quais seriam as mudanças que a feira proporciona para as feirantes. Além disso, a feira tem um grande papel

em minha vida e por este motivo me senti na obrigação de realizar uma pesquisa que pudesse contribuir para ressaltar a importância desse movimento para as comunidades rurais de Morro do Pilar. Foi graças à feira que conheci a LECampo, por exemplo.

Este trabalho visa contribuir para a produção bibliográfica sobre a temática, uma vez que não foi localizado no banco de monografias do Lecampo, nenhum trabalho sobre a feira durante o processo de pesquisa. E, ao pesquisar especificamente sobre a Feira de agroecologia e artesanato de Morro do Pilar na internet, localizei apenas uma reportagem sobre a feira no site do Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER). Essa reportagem que traz registro de um dia muito especial para as feirantes, no qual barracas novas foram doadas pela Instituto de Assistência Técnica e Extensão rural (EMATER) para as feirantes no ano de 2017¹. A falta de materiais acadêmicos sobre a feira de agroecologia e artesanato de Morro do Pilar me motiva, pelo fato de ser um tema rico que merece destaque.

Escolhi este tema por compreender que ele é muito importante para as famílias de produtores rurais, para o protagonismo dos sujeitos do campo, e principalmente o protagonismo da mulher do campo e para Morro do Pilar. A feira traz muitas contribuições para a sociedade, como a oferta de alimentos sem aditivos químicos para as pessoas, fazendo com que elas tenham um estilo de vida saudável; e possibilita que camponeses acessem políticas públicas como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), que ofertam alimentos para os alunos de escolas públicas e para famílias carentes. Políticas públicas inclusivas e sustentáveis que beneficiam tanto os produtores que participam do Programa, quanto as pessoas que recebem os produtos.

O objetivo geral do trabalho foi investigar os impactos da feira Agroecológica de Morro do Pilar na vida das feirantes e da comunidade. Para atingirmos tal objetivo foi necessária uma pesquisa documental sobre a história da feira; uma descrição da organização e do funcionamento da feira; um levantamento, em especial através de entrevistas, de saberes e práticas sociais vividas na feira; um introdutório levantamento da renda das feirantes entrevistadas através da feira; a identificação dos principais agentes sociais relacionados com a feira.

¹ LEITE, Terezinha, Feira livre de Morro do Pilar é revitalizada com barracas doadas pela EMATER-MG. Disponível em: https://www.emater.mg.gov.br/portal.do/site-noticias/feira-livre-de-morro-do-pilar-e-revitalizada-com-barracas-doadas-pela-emater-mg/?flagweb=novosite_pagina_interna&id=20471.

O principal instrumento metodológico do trabalho foi a entrevista, por ser um método que traz falas dos próprios protagonistas da pesquisa (as feirantes), falas que enriqueceram e contribuíram significativamente com os objetivos do projeto. Segundo Minayo (2001),

o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela significa uma conversa desprentensiosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. (MINAYO, 2001, p. 57)

O método de pesquisa que utilizei foi a qualitativa, utilizando como principal instrumento as entrevistas estruturadas, pois ela traz a realidade dos sujeitos para a pesquisa. Como diz Minayo (2001, p. 21) “Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado”. Realidade essa que busquei trazer em minha pesquisa sobre as mudanças provocadas pela feira na vida das feirantes, pois foram os relatos das feirantes sobre sua realidade que contribuíram para que a minha pesquisa pudesse trazer fatos reais e de credibilidade. “Essa corrente teórica, como o próprio nome indica, coloca como tarefa central das ciências sociais a compreensão da realidade humana vivida socialmente” (MINAYO, 2001, p. 23).

A pesquisa utilizou a entrevista qualitativa com três mulheres que fazem parte da feira e uma mulher que fez parte da primeira feira de Morro do Pilar organizada pelo Lucas e o Sr Luciano. A escolha pelos sujeitos da pesquisa levou em consideração o tempo que elas participam da feira. Todas estão presentes desde o início, e passaram por todo o processo de mudança ocorrida na feira e na vida das mesmas, além do fato de cada uma ter um papel importante e morar em localidades diferentes onde cada uma tem métodos de plantios e produção diferentes, o que traz para o trabalho diferentes saberes e experiências de vida. As localidades onde elas moram são Morro do Pilar, Carioca, Lapinha e Retiro Santa Cruz.

Sobre as entrevistas estruturadas, Gil (1999) explica que

a entrevista estruturada desenvolve-se a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanece invariável para todos os entrevistados, que geralmente são em grande número. Por possibilitar o tratamento quantitativo dos dados, este tipo de entrevista torna-se o mais adequado para o desenvolvimento de levantamentos sociais”. (GIL 1999, p. 132)

A realização das entrevistas estruturadas contribuiu muito para a coleta de questões sociais que estão evolvendo na fala dos entrevistados.

O capítulo um traz a autobiografia da autora e a discussões bibliográficas acerca das temáticas que serão abordadas que são: agroecologia, agricultura familiar e feiras livres. Neste capítulo vai haver uma contextualização dos temas com falas de autores que também estudaram essas mesmas temáticas.

O capítulo dois traz a história da Associação comunitária de Morro do Pilar enquanto movimento apoiador da Feira de agroecologia e artesanato de Morro do Pilar, e em meio a história da mesma foram frisados alguns eventos como feiras em outras cidades, oficinas e cursos, realizados em prol da valorização do trabalho como feirante, agricultor, artesã, parteira, benzedeira e raizeiras, nesses eventos também houve a participação da comunidade local e de alguns voluntários, esse eventos foram frisados afim de trazer maior compreensão da importância da associação enquanto movimento social formado por agricultores, parteiras e raizeiras. No mesmo capítulo está a história da primeira feira de Morro do Pilar, que foi organizada pelo Lucas e o Sr. Luciano, feira essa que foi a inspiração dos associados quando pensaram em montar uma feira de agroecologia e artesanato. Sendo assim também e falado sobre a história da feira de agroecologia e artesanato de Morro do Pilar e como sua organização foi se transformando com o fluxo de pessoas que saíram e entraram ao longo dos anos e quem era essas pessoas, os produtos comercializados, como foi o processo de desmobilização da feira depois da pandemia, como se deu a volta da feira em junho de 2023, e os agentes envolvidos e sua organização atual, processo esse que foi de grande importância para trazer uma melhor compreensão de como é o funcionamento da feira.

O capítulo três fala sobre as relações sociais, que são promovidas no ambiente de feira, sendo assim os capítulos trazem o modo das feirantes de se relacionar com as pessoas trazendo as trocas, benefícios que a feira trazia para o emocional das feirantes e amizades que elas fizeram, a partir de falas das mesmas sobre essas experiências. No mesmo capítulo é falado sobre as festas culturais e solidárias realizadas pelas feirantes ou com a participação das mesmas, realizadas de forma solidária e a fim de promover o bem estar social, a cultura local, ou em prol de ajudar pessoas que estão passando por momentos de fragilidade.

A juventude também é destacada no capítulo três pois os jovens os filhos das feirantes e gostam de ajudar as mães, e isso é um reflexo de como o trabalho das mães com a feira pode envolver os jovens fazendo com que haja uma proximidade de ambos e a proximidade dessa juventude. No mesmo capítulo é abordado os meios de produção agroecológicas usadas pelas feirantes e os saberes tradicionais envolvidos, saberes esses adquiridos com seus antepassados e que são usados até os dias de hoje, que possibilitam o cultivo de sementes crioulas que são sementes que estão desaparecendo aos poucos. E por fim é feito um levantamento da renda das

feirantes e o protagonismo das mesmas, sendo elas mulheres que buscam ter sua independência financeira e sabem a importância do seu trabalho como agricultora, e como os programas de aquisição de alimentos estão interligados com o trabalho delas na feira.

MEMORIAL

Meu nome é Alice Cardoso de Araújo, sou natural de Governador Valadares (MG), mas passei a maior parte da minha infância em Santo Antônio do Surubi (MG), município de Água Boa, também no estado Minas Gerais. Iniciei minha trajetória escolar aos três anos de idade, por vontade própria. Entretanto, minha matrícula não pôde ser efetivada, pois minha idade estava abaixo da permitida. Contudo, minha permanência na escolinha foi permitida.

Essa escola, Escola Municipal Geralda Magela Reis, localizava-se próximo da minha casa, então eu descia sozinha e minha mãe me observava durante o caminho, para garantir que eu chegasse bem. Aos seis anos de idade fui transferida para a Escola Estadual Modesto Alves Barroso, não gostei muito da nova escola por sentir falta da minha antiga professora, conhecida por mim e por todos como Nina, eu gostava muito dela e peguei um certo carinho, então não gostei do fato de não a ter por perto.

A Escola Estadual Modesto Alves Barroso era na mesma rua que a Escola Municipal Geralda Magela Reis, sendo o meu trajeto de casa para a escola o mesmo. Eu gostava muito de Santo Antônio do Surubi (MG), mas não era um lugar de fácil permanência, pois ficava em uma localidade muito isolada e por este motivo os moradores não tinham acesso a hospitais, e o trabalho do meu pai, como vaqueiro, era muito precário e perigoso, algumas vezes ele chegava com as roupas rasgadas e com machucados.



Figura 1. Praça de Santo Antônio de Surubi, Fonte: Antonio Santo Surubi (Santo), 2018

Em 2008, nos mudamos para a comunidade Carioca, município de Morro do Pilar, localizado na região da Serra do Cipó. Com essa mudança, meus pais se tornaram oficialmente agricultores por meio da Declaração de Aptidão ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (DAP) que é o documento que dá o direito de entrada em políticas públicas de geração e produção de renda, embora a juventude dos meus pais tenha sido trabalhando no campo. Minha mãe trabalha com a lavoura e meu pai é vaqueiro há muitos anos. No entanto, eles somente foram reconhecidos oficialmente como agricultores rurais em Morro do Pilar, pois, em Santo Antônio do Surubi (MG), eles não possuíam terreno próprio, e plantavam em terrenos de terceiros, como donos de fazendas. Já em Morro do Pilar, eles conseguiram comprar uma chácara na comunidade Ponte de Cimento. Nesse contexto, meu irmão e eu sempre ajudamos nossos pais na lavoura.

Na comunidade Carioca, meu irmão e eu estudamos na Escola Municipal Rio Vermelho, próxima à nossa casa, e quando o escolar não conseguia chegar, íamos todos, estudantes e professores, caminhando até ela. Nessa escola, as professoras eram bem tranquilas e mal ficavam dentro da sala de aula. Elas passavam atividades e corrigiam e muito raramente, explicavam sobre os temas das aulas.

Em 2012, fui transferida para a Escola Estadual Intendente Câmara, pois na escola anterior era ofertado apenas do 1º ao 5º ano do ensino fundamental. A Escola Estadual

Intendente Câmara está situada na sede do município de Morro do Pilar, aproximadamente 12km da comunidade Carioca. Para frequentar essa escola, todos os dias, o escolar nos buscava na porta de casa e nos levava para a cidade. Minha trajetória escolar na Intendente Câmara foi bem complicada, meus colegas tinham problemas em aceitar alunos novos, e, por ser uma escola da zona urbana a locomoção da comunidade Carioca até Morro do Pilar era bem difícil nos dias de chuva.

Em meados de 2015, minha mãe começou a fazer entregas de hortaliças para a Escola Estadual Intendente Câmara, e, todos os dias, eu e meu irmão éramos os encarregados de levar as entregas, uma vez que o único meio de transporte que tínhamos era o escolar. Nessa mesma época, minha mãe e eu começamos a participar da Feira Agroecológica de Morro do Pilar, todas as quintas-feiras, das oito ao meio-dia. O transporte para a feira era feito pela prefeitura, e, todas as quintas minha mãe e eu levantávamos às cinco da manhã para terminar de organizar as hortaliças, que eram colhidas ao entardecer do dia anterior, por minha mãe. Como, no começo, eu ainda frequentava a escola, ficava na feira com minha mãe no período da manhã e, ao entardecer, ia para a escola.

Quando completei 17 anos, passei para o terceiro ano do Ensino Médio, comecei a estudar de manhã e me mudei para a comunidade Ponte de Cimento. Sendo assim, ir para a feira não era mais possível. Durante esse tempo longe da feirinha, senti muita falta e, apenas nos dias de feriado e recesso escolar, podia frequentá-la. Essa fase foi bem complicada, me senti muito triste por não conseguir ir a feira e auxiliar a minha mãe.

Contudo, ao me formar, em 2017, a minha colega de feira Eliziara Pereira Coutinho, egressa da turma de Matemática da Licenciatura em Educação do Campo, que me indicou o curso, e me explicou como ele funcionava. Logo me interessei, entretanto, nesse ano a turma que iria entrar era a habilitação em Língua, Arte e Literatura - LAL, e minha disciplina favorita era Geografia. Mesmo assim, tentei fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) que é uma prova que nos ajuda a ingressar na educação superior, e não deu muito certo, já que era minha primeira tentativa e não sabia que a prova devia ser feita a caneta. Como fiz a lápis, minha prova foi anulada, fiquei muito triste pelo que aconteceu, mas não desisti.

Em 2018, fiz o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) novamente e deu tudo certo. Fui logo correndo contar para a Eliziara, que me auxiliou no processo de inscrição para concorrer a uma vaga no Lecampo. Fiquei muito feliz, pois a habilitação em que eu iria entrar era Ciências Sociais e Humanidades, foi aí que percebi que tudo na vida tinha um propósito e ele sempre seria melhor do que as portas fechadas em meu caminho. Após a inscrição, fiquei muito ansiosa e orei muito para conseguir entrar não demorou muito recebi a notícia tão

esperada, tinha sido aprovada! Dei pulos de alegria e me senti muito abençoada.

Em 2019 entrei na Licenciatura em Educação do Campo, LECampo, na Universidade Federal de Minas Gerais, e, ao longo desses anos, aprendi muito a valorizar o campo e o trabalho dos meus pais como camponeses, além de aprender muito sobre o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), sobre feiras e Agroecologia. Foi aí que me interessei muito pelo trabalho da minha mãe como produtora rural e feirante, e tive o interesse de abordar a Feira Agroecológica de Morro do Pilar como tema de TCC, por ser um tema muito importante e trazer benefícios tanto para o camponês quanto para a população local.

O tema me desperta muito interesse por ser um movimento social que contempla muitos fatores, como as políticas públicas de aquisição de alimentos para as escolas, protagonismo feminino, a importância do campesinato, a agroecologia e as relações sociais que a feira promove. Esses fatores são de grande importância para a melhor relação do camponês com sua produção e para a feira, pois ela começou a ganhar destaque e reconhecimento de todos. Eu como participante, ao abordar a Feira Agroecológica de Morro do Pilar como meu tema de monografia, sinto que estou contribuindo com a comunidade e com a feira, pois foi essa relação com a feira que me fez chegar até a LECampo.

1. AS FEIRAS E SUAS RELAÇÕES COM A AGRICULTURA FAMILIAR NA TEORIA SOCIAL

A discussão teórico conceitual do trabalho tem o intuito de trazer temas como a agricultura familiar, a agroecologia e as feiras livres, alicerçada em autores como Ribeiro (2018), Santos (2007) e Caldart (2012).

1.1. A Agricultura Familiar e a Agroecologia

Segundo Caldart (2012), a agricultura familiar é uma prática dos camponeses na qual eles trabalham juntamente com a família para produzir alimentos como arroz, feijão, banana, verduras, legumes em geral, derivados do leite, cana, milho e mandioca, artesanatos feitos de palha de indaiá, madeira, bambu e tecidos. Esses produtos, geralmente, são para o consumo próprio, comércio e trocas, onde o intuito dos agricultores é obter renda ou conseguir um produto que ele ainda não tem através da troca, prática essa que foi passada de geração em geração até os tempos atuais.

O que ajudou na oficialização da expressão Agricultura Familiar segundo Caldart (2012) foi a lei nº 11.326, aprovada em 24 de julho de 2006. Portanto, a agricultura familiar ainda está em processo de avanço, tanto jurídico quanto tecnológico. Parte dos produtores rurais usam maquinários como trator, plantadeira, entre outras tecnologias, que ajudam a produzir de forma mais rápida, entretanto, nem todas as tecnologias são convenientes por, muitas vezes, aprofundarem contradições sociais e impactos ambientais.

Nesta perspectiva, a noção de Soberania Alimentar incorpora várias dimensões – econômicas, sociais, políticas, culturais e ambientais – relacionadas ao direito de acesso ao alimento; à produção e oferta de produtos alimentares; à qualidade sanitária e nutricional dos alimentos; à conservação e controle da base genética do sistema alimentar²; às relações comerciais que se estabelecem em torno do alimento, em todos os níveis. (MEIRELLES, Laércio, 2004, p. 11)

Conforme Caldart (2012), os princípios da agroecologia são: construir relações sociais e solidariedade, promover a participação de todos, evitar relações de subordinação capitalista priorizando mercados locais, manter formas de cultivo sem insumos químicos e maquinário tornando a agroecologia um método menos prejudicial ao meio ambiente, que garante a diversidade de produção.

Não se trata aqui, no entanto, de, em nome da lógica de reprodução da unidade camponesa, subtrair a lógica do capital. Na verdade, procuramos, ao pensar a

reprodução camponesa como uma relação não-capitalista, situa-la no conjunto das contradições do capital. Não reduzindo, todavia, essa recriação camponesa a uma pura e simples determinação do capital. Ou seja, os camponeses interferem, resistem, criam estratégias para escapar das necessidades do capital que tem na sujeição da renda da terra o seu filão de produção de capital. (SANTOS, 2010, apud ALMEIDA 2006, p. 24)

A partir desses princípios, agricultores adeptos dessa prática colocam em prática métodos de plantio sustentáveis que aprenderam com seus antepassados, e que são priorizados por eles por serem uma forma que não agride o meio ambiente e garante uma alimentação mais saudável, como afirma Silva (2018) “Dessa forma a agroecologia e o sistema de produção agroecológico devem ser percebidos mais do que como um meio de produção de alimentos, mas como um modo de vida e um espaço de relações sociais justas e igualitárias.”

Sendo assim, mesmo as tecnologias proporcionando mais rapidez na produção, os agricultores preferem fazer o uso dos princípios agroecológicos, sem pensar na rapidez e possíveis chances de aumentar sua lucratividade.

Esse modelo tecnológico, baseado no cultivo de variedades genéticas de alta produtividade, na utilização de insumos químico-sintéticos, na mecanização e no recurso a fontes não-renováveis de energia, tem sido o responsável pela deterioração progressiva da própria base natural que assegura a estrutura e o funcionamento dos sistemas agrícolas. (MEIRELLES, 2004, p. 11)

Esses métodos mecanizados de produção é algo que é usado muito pelo modelo de produção capitalista, que polui o ar, solo e a água fazendo com que seres humano e animais se contaminem, e para além as lavouras de outros produtores também, e isso causa uma deterioração muito grande do meio ambiente e da saúde dos seres vivos.

1.2. A Agricultura Familiar e as Feiras Livres

A feira é um momento de alegria para os envolvidos, por se encontrarem com os amigos e trocarem informações e produtos, é na feira que as pessoas se distraem e esquecem dos problemas e veem as amizades como afirma, Cuervo et al. (2019) apud Minnaert (2008) “A palavra “feira” vem do latim feria, que significa “dia de festa”, é um local de vendas, trocas, encontros e conversas.” É na feira que as pessoas saem da rotina e da mesmice e tem momentos de alegria junto a pessoas que ela gosta de ter por perto.

Os agricultores que utilizam da agroecologia, ressaltando que nem todos usam da mesma, preferem fazer a comercialização dos produtos em feiras agroecológicas, onde eles ganham mais destaque e, juntamente com eles, seus saberes tradicionais, que envolvem toda a

produção agroecológica como métodos de adubação e fertilização aprendidos com seus antepassados.

Pode ser destacado ainda o uso de palhas, gravetos e folhas como cobertura morta disposta nos canteiros. Estes produtos possibilitam melhorias no cultivo, controlando a umidade e temperatura do solo, além de proteger as plantas das ervas daninhas e de espécies invasoras²⁷⁰. Além de tudo isso, vários materiais são utilizados na construção de instrumentos alternativos de baixo custo, que podem aumentar a produtividade agrícola solucionando problemas específicos na produção, ou simplesmente melhorando a qualidade de vida dos camponeses. (SANTOS, 2010, p. 168-169)

Pelo fato de a feira ser um espaço de trocas de saberes entre agricultores e comunidade, com essa riqueza de conhecimentos produzidos por muitas gerações a produção dos alimentos é algo que está frisado no bem estar do próximo, sendo assim os alimentos são produzidos de forma orgânica e os saberes que envolve os meios de produção são passados adiante na feira, e isso traz uma dedicação muito grande dos envolvidos, propiciando novas sociabilidades e conhecimentos.

A comercialização em feiras agroecológicas há um papel de diálogo com a sociedade dentro do contexto de produção de alimentos agroecológicos pela compreensão da importância da geração de produtos de forma limpa, sem nenhum tipo de agroquímico. E de grande importância os quintais produtivos para o empoderamento das famílias na produção de alimentos de qualidade garantindo assim uma alimentação rica em nutrientes, estimulando a auto-estima das famílias envolvidas no processo de produção, trabalho e renda (RIBEIRO, NASCIMENTO, 2018, p. 5).

Entretanto nem todos aqueles que frequentam as feiras são produtores que cultivam de forma agroecológica, pois alguns agricultores familiares fazem o uso de insumos químicos em sua produção, ou em alguns casos trabalha com produtos que necessitam do desmatamento para conseguir obra prima, como tabuas de madeira, colher de pau, pilão de madeira, entre outros, há também aqueles que vendem outros tipos de produtos como acessórios de celular, bijuterias, panelas e entre outros produtos feitos de forma industrial, e venda por revendedores que levam frutas produzidas pelo agronegócio, a feira em si carrega uma diversidade muito grande de pessoas e produtos comercializados na mesma, por ter pessoas que vem de outras localidades para conseguir vender todos os seus produtos, como vendedores ambulantes de diferentes territórios e culturas que carregam saberes diferentes.

Frequêntada em dias fixos, a feira é um natural centro da vida social. É nela que as pessoas se encontram, conversam, se insultam, passam das ameaças às vias de fato, é nela que nascem incidentes, depois processos reveladores de cumplicidades, é nela que ocorrem as pouco freqüentes intervenções da ronda, espetaculares, é certo, mas

também prudentes, é nela que circulam as novidades políticas e as outras (BRAUDEL apud SERVILHA, DOULA, 2009, p. 127)

Nesse contexto a feira traz atores sociais diferentes que propiciam trocas de informações saberes e experiências, se tornando um espaço de aprendizado em que todos aprendem uns com os outros novas formas de trabalhar com as vendas e produtos, coisas relacionadas ao dia a dia, como mexer em uma ferramenta nova do celular, usar balança digital, que tipo de chá é melhor para a saúde, entre outras coisas que proporcionam novos saberes e aproximam as pessoas umas das outras estreitando em laços de amizade.

Como consequência, estreita-se um vínculo não apenas comercial, mas também de amizade e, mais do que isso, cria-se um laço familiar. Por esta razão, superando a condição de "ponto de agricultura e comércio", a feira agroecológica transforma-se em um "ponto de referência social", "algo que a gente não esperava dentro da reforma agrária. (SANTOS, 2010, p. 194).

A feira também é um espaço em que os fregueses têm acesso de primeira mão aos produtos cultivados pelo agricultor, e com isso ambos constroem uma relação de confiança, trazendo uma nova amizade e freguês, pelo fato de saber que aquele produto foi cultivado de determinada forma.

Se este mercado elementar, igual a si próprio, se mantém através dos séculos é certamente porque, em sua simplicidade robusta, é imbatível, dado o frescor dos gêneros perecíveis que fornece, trazidos diretamente das hortas e dos campos das cercanias. Dados também seus preços baixos, pois esse mercado elementar, onde se vende sobretudo 'sem intermediários', é a forma mais direta, mais transparente de troca, a mais bem vigiada, protegida contra embustes. (BRAUDEL, apud SERVILHA, DOULA, 2009, p. 128).

Outro fator da feira são os preços baixos que atraem muitos clientes, esses preços diminuem ainda mais na xepa, momento em que os produtos dos feirantes ficam mais baratos pelo fato da feira estar encerrando suas atividades, e eles precisarem se desfazer de alguma forma do que ainda tem para vender, além do fato de alguns produtos estragarem rápido, como as verduras que ao passar do dia começam a murchar. Na xepa os produtos não só ficam mais baratos, mas também são trocados entre feirantes e freguês em outras mercadorias que eles ainda não possuem. As relações sociais da feira não estão apenas centralizadas nas trocas de saberes, mas também na produção, comércio, trabalho e entre outros que são de extrema importância para o funcionamento da feira.

As feiras são nós de potencial sociabilidade, pontos de encontro através dos quais é possível gerar um sentido de permanência, de identidades e dissidências,

caracterizando-se no campo das comunidades – tanto pelo compartilhamento de informações, saberes, valores e identificações, como da própria materialidade dos fazeres. (CUERVO, HAMANN E PIZZINATO. 2019, p. 283-284).

Nesse contexto a feira traz relações que não se encontra em supermercado e outros comércios pelo fato dela ser um ambiente livre e sem regras como as que os funcionários de supermercados tem que seguir, e o seu objetivo com essas regras se baseia apenas em vender uma grande quantidade em pouco tempo, o que torna o diálogo entre funcionário e freguês algo limitado a conversas que envolvam apenas o ambiente em que estão, ao contrário da feira que traz inúmeras formas de se relacionar com as pessoas, sendo elas feirantes e fregueses que em momentos de conversas e trocas de receitas e métodos de plantio se estreitam em uma relação de confiança, o que leva aquele freguês a comprar sempre na feira.

O "crescimento" está diretamente vinculado à "confiança" dos clientes, pressuposta no seu retorno semanal à feira. Confiantes da qualidade dos produtos, tais clientes divulgam para outras pessoas e, assim, a feira cresce: a "gente" cresce. Neste contato "face a face", podem ser estreitados importantes elos entre produtores e consumidores, enrijecendo-se vínculos, superando-se a impessoalidade e o distanciamento tão característicos das relações entre as esferas da produção e consumo no capitalismo. (SANTOS, 2010, p. 190).

São essas relações que trazem a valorização da feira em si, e dos produtos agroecológicos e artesanais que eles comercializam, produtos esses que fazem parte da cultura local e das raízes campesinas.

É uma gama de produtos que envolve ainda o que chamamos na agroecologia de produtos beneficiados, aqueles que são artesanalmente transformados por essas famílias e que fazem parte da tradicional cultura alimentar da região. Entre esses produtos beneficiados, que são comumente produzidos por essas agricultoras, estão, as pomadas, lambedores e xaropes, provenientes de plantas e ervas medicinais que são cultivadas em seus próprios quintais, poupas de frutas, bolos e doces, carne de jaca, entre outros produtos que compõe a base cultural alimentar da região, e o mais importante, sem nenhum tipo de agrotóxico. (SILVA, 2018, p. 4).

Sendo assim a feira é mais do que um ambiente baseado em lucratividade, ela se baseia na valorização culturas e na garantia de alimentos saudáveis que beneficiam a comunidade local em muitos aspectos como saúde física e emocional e segurança alimentar nutricional.

2. A HISTÓRIA DA FEIRA AGROECOLÓGICA DE MORRO DO PILAR

2.1. Percurso Histórico da Associação Comunitária de Morro do Pilar: um movimento social apoiador da feira

As informações contidas neste trabalho foram sistematizadas a partir da pesquisa documental realizada em relatórios e portfólios da Associação Comunitária de Morro do Pilar, escritos e disponibilizados pela Elisiara Pereira Coutinho².

A Associação comunitária de Morro do Pilar foi criada em 18 de março de 2015, durante o curso sobre associativismo promovido pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR). O objetivo da associação é trazer novos recursos ao produtor rural, desenvolvimento sustentável, solidariedade, valorização da cultura local e resgate da juventude. A associação foi uma iniciativa tomada pelos produtores rurais da região em prol do desenvolvimento do trabalho dos mesmos, que fazem uso da agroecologia como meio sustentável de produção agrícola. A maioria dos envolvidos são produtores das comunidades rurais de Morro do Pilar, que são: Carioca, Ponte de Cimento, Serra, Lapinha e Rio Preto de Cima e também agricultores e artesãos que moram dentro do Município de Morro do Pilar.



Figura 2 Logo da Associação Comunitária de Morro do Pilar, Fonte: Acervo da Elisiara

A associação possui alguns participantes como o S.r Joaquim, José Rosa, Dona Maria da Conceição que tiveram cargos políticos na câmara de vereadores de Morro do Pilar, e por terem essa liderança política presente em sua trajetória de vida, a participação deles foi de grande importância para que fosse pensado formas de gerir a associação de uma maneira mais

² Elisiara foi uma das entrevistadas deste trabalho por ser responsável pela escrita de documentos importantes sobre a associação, além de ser associada e feirante. Elisiara é egressa do curso de Licenciatura em Educação do Campo, da turma da Matemática.

eficaz. Na primeira assembleia da Associação Dona Maria da Conceição foi escolhida para comandar a reunião.



Figura 3. Primeira Assembleia da Associação. Fonte: Acervo da Elisiara

Na foto acima estão os membros da associação, a prefeita da época Vilma Diniz e os responsáveis pelo curso, na sala em que acontecia o curso sobre associativismo, bem no início da associação.

Ao longo do percurso histórico da associação ela promoveu a participação dos envolvidos em diversos eventos, sendo eles: cursos, encontros de raizeiras, a Feira de Agroecologia e Artesanato de Morro do Pilar, participação em programas de aquisição de alimentos, entre outros que irei citar logo adiante.

O curso de móveis de bambu oferecido pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) que aconteceu no dia 18 de junho de 2015, das sete da manhã ao meio dia, com o apoio da prefeitura de Morro do Pilar, Sindicato dos Produtores Rurais de Conceição do Mato Dentro e da Secretaria de Meio Ambiente de Morro do Pilar, que cedeu um espaço na sede da Área de Proteção Ambiental (APA), para a realização do curso. O Sr. Joaquim conseguiu o transporte para buscar os bambus que foram colhidos pelo Sr. Vitor da Silva, na comunidade do Carioca, onde o mesmo reside e exerce o seu trabalho de produtor rural, o bambu utilizado foi o bambu chinês. Entre os participantes estavam alguns associados e convidados, sendo eles: Délia Vieira, Marta Duarte, Nilton, Bira e Izabelly. A oficina iniciou de fato no dia primeiro de

junho de 2015, já que nos meses anteriores o preparo do bambu, na oficina foram feitos bancos e parteiras de bambu para o uso da associação e para a comercialização.



Figura 4. Convidados na montando os moveis Fonte: Acervo da Elisiara



Figura 3. Sr. Vitor e Bira montando os banquinhos, fonte: Acervo da Elisiara



Figura 5. Banquinho feito pelos participantes

Assembleia de aprovação do estatuto, eleição e posse da diretoria da associação comunitária de Morro do Pilar aconteceu no dia 15 de abril de 2015 e serviu para que os representantes de cargos importantes fossem definidos, entre os cargos foram definidos os Diretores Efetivos, Diretoria Suplente, Conselho Fiscal efetivo e suplente. Essa separação de cargos ocorre para que haja uma organização formal onde cada um exerce uma função dentro do movimento, e para que ambos possam contribuir para uma boa gestão.



Figura 6. Assembleia anual de gestão da diretoria, Fonte: Acervo da Elisiara

Outra atividade promovida pela associação foi a participação na feira de agricultura familiar (AGRIMINAS) em Belo Horizonte, entre os dias 18 a 23 de agosto de 2015. Essa participação aconteceu com o apoio da Associação comunitária de Morro do Pilar em parceria com a Tribo da Terra que é formada por alguns moradores da Lapinha. Os móveis de bambu produzidos pelos membros da associação foram expostos na AGRIMINAS para a comercialização dos mesmos, o que trouxe mais opções para os consumidores. Durante a feira foi apresentado às feirantes a ONG Rede de Intercâmbio, que está ligada a agroecologia, essa mesma ONG se ofereceu para dar assistência aos feirantes através do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). As feirantes foram convidadas também a participarem do encontro de Raizeiras em Sabará, que seria realizado pela ONG Rede de Intercâmbio. Nas imagens abaixo alguns registros da participação nesses encontros.



Figura 7. Feirantes que Fizeram Parte da Agriminas, Fonte: Acervo da Elisara



Figura 9. Produtos expostos pelas feirantes de Morro do Pilar, Fonte: Acervo da Elisiara



Figura 8. Raizeira Dona Maria e seus remédios medicinais, Fonte: Acervo da Elisiara

A participação no encontro de raizeiras de Sabará, região metropolitana de Belo Horizonte, aconteceu pouco depois da AGRIMINAS. Nesse encontro os participantes da associação conseguiram uma reunião de apoio ao Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), e fizeram amizade com os participantes do encontro Fernando e Tatinha que são membros do Conselho Nacional de Raizeiros, além de aprenderam receitas sobre remédios caseiros produzidos a base de raízes medicinais, a importância do uso dessas ervas e como

devemos usá-las. Os encontros promoviam muitas trocas de conhecimentos entre os participantes e técnicas novas de como cuidar da saúde com remédios, pomadas, gel, e entre outros produtos a base de plantas medicinais. Alguns registros fotográficos foram realizados pelos participantes durante o encontro.



Figura 11. Raizeira passando seus ensinamentos. Fonte: Acervo da Elisiara



Figura 10. Durante a oficina. Fonte Acervo da Elisiara

No dia 12 de maio 2016 a Associação Comunitária de Morro do Pilar ficou à frente da realização da Feira de agroecologia e artesanato de Morro do Pilar, a feira acontecia das sete da manhã ao meio-dia na praça Monsenhor Matos.



Figura 12. Feira em seu primeiro ano de funcionamento, Fonte: Acervo da Elisiara

As barracas eram emprestadas pela prefeitura, e infelizmente elas estavam em péssimo estado de conservação. Em diversos momentos as feirantes tiveram que tirar dinheiro do próprio bolso para soldar as peças soltas das barracas, e outro agravante, eram apenas duas barracas, para que coubesse todos os expositores era preciso colocar tábuas no meio usando as barracas como apoio para ter um balcão a mais. Após passar por um tempo utilizando as barracas a Adriana representante da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) entrou com toda a documentação necessárias no programa Feiras Livres do Governo de Minas Gerais.

No ano de 2017 houve uma reunião para debater sobre o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), no encontro foi falado sobre a entrega de alimentos produzidos pelos produtores rurais através do programa para as escolas estaduais do município que são a E.E Intendente Câmara e a E.E Cardeal Mota. Esse debate teve o apoio da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), Rede de Intercâmbio e a Associação de Comunitária de Morro do Pilar. Na época, foram passados para os produtores os editais das duas escolas e as demais

documentações necessárias. Em 2017 os produtores fizeram uma reunião da diretoria e a entrega das rapadurinhas para a Escola Intendente Câmara, a ideia das rapadurinhas foi do Sr. José Rosa, produtor da região que trabalha com a produção de derivados da cana e da mandioca.]O Sr. José Rosa teve essa ideia pelo fato das rapaduras serem entregues para muitas crianças e adolescentes, sendo assim ele fracionou as rapaduras em pequenos qua dradinhos para facilitar na hora da entrega da merenda, como podemos ver na foto abaixo.



Figura 13. Reunião da diretoria de 2017. Fonte Acervo da Elisiara



Figura 14. Rapadurinhas do Sr. José Rosa

A entrega dos certificados do curso de bambu foi no dia 27 de novembro de 2017, onde aqueles que participaram da oficina receberam seus certificados de conclusão do curso, entregues com a presença do presidente da Associação Sr. Joaquim.



Figura 15. Momento em que as feirantes receberam os certificados. Fonte: acervo da Elisiara

Em 2018, Elisiara juntamente com os associados tiveram a ideia de criar um banner digital para a divulgação da feira, e para isso o filho mais velho da Elisiara, Orum Coutinho,



Figura 16. Banner 1 criado pelo Orum. Fonte: Acervo da Elisiara

criou dois modelos de banners digitais para que as feirantes escolhessem qual seria melhor, os modelos eram os das imagens abaixo.



Figura 17. Banner 2 criado pelo Orum Coutinho. Fonte: Acervo da Elisiara

As feirantes escolheram o banner dois para fazer a divulgação, pouco tempo depois foram confeccionadas blusas para usar durante o trabalho na feira, no entanto nem todas as feirantes gostaram da blusa por ser branca e sujar com facilidade. Além dos banners digitais, também foi confeccionado um banner físico da Associação que pudesse ser exposto durante as reuniões.

No dia 1 de setembro 2018 aconteceu o 1º encontro de raizeiras benzedeiras e parteiras. Os associados fizeram um convite para publicar em suas redes sociais, assim chamaria a atenção dos moradores da comunidade, o convite foi muito bem ilustrado para que todos pudessem perceber do que se tratava e bem explicativo com os horários das atividades. Durante o encontro houve uma roda de conversa entre os demais participantes para se apresentarem, essa roda de conversa era bem dinâmica e para que cada um se apresentasse de forma organizada foi usado um novelo de linha, onde aquele que já se apresentou escolhia o próximo e passava o novelo de linha para o escolhido. Houve um café coletivo onde todos levaram algum alimento produzido por eles mesmos ou de algum comércio local, oficinas de produção de sabonete caseiro, solução nasal, gel e tinturas. Para que ocorresse esse evento diversos representantes de

movimentos sociais de outras cidades também estiveram presentes, entre elas estava a Tantinha que esteve presente na organização do encontro de raizeiras em Sabará.



Figura 18. Convite do 1º encontro de raizeiras, Fonte: Acervo da Elisiara



Figura 19. Roda de conversa e apresentação. fonte Acervo da Elisiara



Figura 21. Oficina de sabonetes com ervas medicinais. Fonte: Acervo da Elisiara



Figura 20. Limpeza de ouvido feita por Dona Maria com o cone hindu. Fonte: acervo da Elisiara



Figura 22. Plantas estudadas durante o encontro. Fonte: Acervo da Elisiara



Figura 23. Dona Maria e sua produção de tinturas. Fonte: Acervo da Elisiara

A iniciativa de realizar um encontro de raizeiras partiu da associada Dona Maria da Conceição, mulher, raizeira e conselheira da associação, referência quando se trata de tratamento com ervas medicinais em Morro do Pilar. Dona Maria já conquistou um prêmio de Cultura popular pelo Ministério da Educação (MEC), e é conhecida pelo seu trabalho e pelo amor em fazer o uso de ervas medicinais, sua sabedoria é tão vasta que Dona Maria conhece uma variedade de plantas muito grande, além do seu trabalho como raizeira ela também faz o

uso da bioenergética³, seu trabalho não é apenas para fins lucrativos, mas também por solidariedade e amor ao próximo.



Figura 24. Ervas medicinais usadas pela Dona Maria. Fonte: Acervo da Elisiara

As ervas medicinais usadas por Dona Maria são em grande parte plantadas em seu próprio quintal pela mesma, e toda a sua produção é feita com produtos orgânicos ou produzidos de tal forma por produtores locais, como a rapa dura usada para adoçar remédios, ou temperos para a produção de sal temperado entre outros.

Além da raizeira Dona Maria, a associação tem como associada a parteira Dona Tereza, trabalhadora rural, em sua juventude Dona Maria já trabalhou com extração de madeira e garimpo. Dona Tereza era moradora do quilombo mata cavalo, e contava histórias sobre seus ancestrais e de como chegou na comunidade do carioca, localidade onde ela morou até então. Dona Tereza é conhecida por muitos pelo seu trabalho como parteira, ela já realizou mais de 250 partos, todos de forma voluntaria e sem fins lucrativos. Dona Tereza carregava muitos saberes sobre plantas medicinais, e fazia remédios com ervas medicinais para cuidar das mulheres durante o resguardo, graças ao seu trabalho como parteira muitos dos jovens da comunidade do carioca a tratam como avó, já que ela fez o parto de muitos deles, e também pelo fato da própria Dona Tereza pedir para chama-la de avó, para ela todos os jovens eram

³ A bioenergética é um estudo que usa as transformações de energia corporal e a psicoterapia para ter um diagnóstico preciso. São usados tratamentos terapêuticos.

seus netos e por este motivo ela tratava todos com muito carinho. Infelizmente dona Tereza veio a falecer em maio deste ano, e deixou muitos com o coração partido com seu falecimento. Dona Tereza já participou de alguns projetos em que ela contava sua história de vida como parteira e moradora de um antigo quilombo da região.



Figura 25 foto da dona Tereza, Regina e Dona Maria em um encontro de raizeiras. Fonte: Facebook, Tribo da Terra Coutinho. Data 04/09/2022.

Na imagem acima dona Tereza está de vestido azul, observando a Regina e a Dona Maria durante uma oficina do encontro de raizeiras, onde elas ensinam a fazer cuscuz.



Figura 26. Reunião do dia 03 de abril de 2019. Fonte: Acervo da Elisiara

A Associação realiza todos os anos reuniões para debater o andamento das questões envolvendo a feira e a associação ou o trabalho dos produtores com o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), e entre outras demandas. Com isso foram realizadas, reunião do conselho fiscal 2017-2018. Primeira assembleia anual 30 de abril de 2018, reunião da diretoria 03 de abril de 2019, e também alguns outros projetos sociais como quintal produtivo realizado na Lapinha, O projeto plantas medicinais realizado na E.E Intendente Câmara pela Dona Maria onde ela ensinava a fazer o uso correto de ervas medicinais para cuidar da saúde. Trabalho voluntario na E.E intendente Câmara e na E.E Cardeal Mota, com entrega de mudas de açaí e rodas de capoeira. Divulgação do Lecampo, onde alguns alunos da E.E Intende Câmara fizeram uma visita a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e mais três jovens entraram para o curso de Licenciatura em Educação do campo na área de Ciências Sociais e Humanidades, sendo elas Thais Almeida, Alice Cardoso e Aiê Coutinho, com o incentivo e a orientação associada Elisiara.

Foi nesse momento em que eu entrei na Lecampo e pude ter uma percepção diferente do trabalho dos meus pais como produtores e da minha mãe e eu enquanto feirante, como afirma Santos (2010) “Um destaque importante é a mudança na visão de vários desses camponeses sobre seu lugar social, isto é, sobre o papel que exercem na sociedade através do trabalho

realizado na sua vida cotidiana.” A visão que eu tinha antes da feira como lugar de convívio social e de um lugar que me tirava da mesmice passou a ser algo além dessa visão.

Depois do Lecampo eu vi a feira como o movimento social muito importante para o nosso meio, para protagonismo das mulheres, porque são maioria na feira hoje e também pra comunidade. A feira não é apenas um movimento em que nós vamos socializar, em que nós vamos amadurecer, é também um momento que nós vamos ajudar o outro, é um momento que nós vamos fazer com que eles entendam que a alimentação saudável muda vidas. A partir do Lecampo eu comecei a ver a feira como um movimento que traz a valorização do trabalho do produtor rural, da mulher enquanto provedora dos alimentos que advém da agricultura familiar, da promoção de uma alimentação saudável e da agroecologia, e ela também é um movimento que preza pelo bem estar da comunidade, por estarem buscando aumentar o acesso dos moradores locais aos seus produtos orgânicos, por saber da importância que ele tem na alimentação de todos.

No dia 15 de novembro de 2019, houve o segundo encontro de raizeiras, que foi na casa



Figura 27. Recepção da turma CSH. Fonte: print de tela da página da Lecampo no Instagram

do Sr. Joaquim, esse encontro também contou com um convite e com a participação de raizeiras, benzedoras agricultores e moradores da região de Morro do pilar, e como sempre houve trocas

de experiências sobre diferentes funções das plantas medicinais, e métodos de cuidado com a saúde.



Figura 28. Convite do segundo encontro de Raizeiras. Fonte: Acervo da Elisiara



Figura 29. Trocas de saberes sobre ervas medicinais. Fonte: Acervo da Elisiara



Figura 30. Dona Maria na Feira da Faculdade de Educação, Fonte: Acervo da Elisiara

Em 2019 também houve a participação da Dona Maria na Feira da Faculdade de Educação (FAE) da UFMG, ela participou como feirante e comercializou seus remédios naturais feitos com ervas medicinais.

Além de remédios medicinais Dona Maria, comercializa produtos de cuidados pessoais, como shampoo, Condicionador, cremes para problemas de pele e unha, e pomadas para dores e entre outros.

Em 2019 foi realizada uma oficina de canto e coral com o músico Wesley Moraes na Escola Estadual Intendente Câmara.



Figura 31. Oficina de Canto e Coral no E.E Intendente Câmara. Fonte: Acervo da Elisiara

No dia 29 de maio de 2019, foi realizada uma oficina de melado rapadura e açúcar mascavo na residência da dona Piedade, realizada pela Técnica da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) Adriana Papatella. A oficina teve como objetivo ensinar a produzir derivados da cana de açúcar, principalmente o açúcar mascavo no qual o processo de produção era desconhecido por parte dos agricultores.



Figura 32. Agricultores durante a oficina. Fonte: Acervo da Elisiara



Figura 33 preparo do açúcar mascavo

A associação promove muitas reuniões para debater temas importantes ligados ao trabalho dos agricultores e feirantes, fazendo com que eles fiquem cientes de como resolver algumas das pendências ligadas ao seu trabalho como agricultores. Essas reuniões já aconteceram na casa da dona Maria da Conceição Tomaz, uma amiga das feirantes e associada, e também em um salão cedido pela mesma. Como elucidou Santos (2010, 2010, p. 57),

As reuniões, assembleias e demais atividades que as compõem servem como instrumento de avaliação dos resultados das experiências utilizadas, mas também como produto coletivo e de formação política, através do qual são construídos e

assimilados os valores que norteiam as propostas de produção e comercialização camponesa.

Essas reuniões não reúnem apenas os feirantes e agricultores da região, mas também conta com a presença de representantes da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), o prefeito e pessoas ligadas a administração da prefeitura.



Figura 34. Entrega da balança digital doada pelo prefeito durante a Assembleia Geral de 2019. Fonte: Acervo da Elisiara

Em 21 de outubro de 2020, 26 de novembro de 2020 e 24 de maio de 2021, 18 de agosto de 2021, foram realizadas entregas para o PNAE. Com a paralisação da feirinha durante a pandemia só restou aos feirantes entregar seus produtos para a E.E Intendente Câmara e E.E Cardeal Mota já que o único modo de escoar a produção seria com as entregas. Os produtores que entregaram foram, Dona Piedade, Sr. José Rosa conhecido como Zé Coreia e sua esposa

Dona Rosalina, Regina Elisiara, alguns produtores levaram seus filhos para ajudar na organização, dentre eles estão, Irã e Felipe filhos da Regina, eu, Alice filha da Santa.



Figura 35. Dona Piedade, Gilsa, Irã e Sr. Joaquim durante as entregas. Fonte: Acervo da Elisiara



Figura 36. Produtos Entregues. Fonte: Acervo da Elisiara



Figura 37. Dona Piedade Durante a Entrega. Fonte: Acervo da Elisiara



Figura 38. Dona Santa, Alice e o Sr. José Rosa. Fonte: Acervo da Elisiara



Figura 39. Entrega na E.E Cardeal Mota e com a Regina e o filho Felipe, Fonte: Acervo da Elisiara



Figura 40 Entrega das feirantes de Morro do Pilar para o PENAE, Fonte: própria, 2020

Além das reuniões realizadas pela Associação servirem também para colocar todos por dentro de assuntos que os interessam, elas também tinha o papel de tentar resgatar a juventude local, para que os jovens tenham algo ligado a meio social para se distraírem, de acordo com Cuervo et al. (2019) “A perspectiva de permanência dos jovens no meio rural, na sucessão



Figura 41. Após a Assembleia Geral dos membros do concelho fiscal. Fonte: Acervo da Elisiara

geracional na agricultura familiar, é de grande importância, não só para as famílias, como também para reprodução desse modo de produção ao longo do tempo.” No entanto nem todos os jovens gostavam de participar das reuniões e pouco tempo depois só ficaram os que são filhos das feirantes.

No início e até meados 2021, a presidência da associação era ocupada pelo S.r. Joaquim dos Santos Aureliano, os demais associados(as), administradoras que eram as feirantes e seus filhos. Atualmente a Associação tem como presidente uma mulher, Gilsa André, e sua administração é formada apenas por mulheres. Essa mudança foi motivada pois o S.r. Joaquim

trabalhava fora e não tinha tempo para participar das reuniões e eventos da associação, e muitas das vezes ficava por fora de eventos importantes realizados pela associação.



Figura 42. Reunião da diretoria de 2021

2.2. Origem da implementação da feira em Morro do Pilar

A primeira feira de Morro do Pilar começou em 2006 com o Lucas, Sr. Luciano, e Simone (esposa do Lucas), eles participavam da Rede Terra Viva, que é um movimento onde são realizadas feiras para a comercialização de produtos orgânicos em Belo Horizonte. Eles saiam de Morro do Pilar com seus produtos e os produtos de outros agricultores locais para a comercialização.

Na verdade nessa época a gente participava de uma feira em Belo Horizonte, a Feira Terra viva, a gente levava bastante produto do Luciano e da Dada, e a gente participou junto de algumas feiras da federação que é a AGRIMINAS né, através do sindicato da época o seu Benedito era presidente, e numa dessas feiras que eu fui junto com o Luciano a gente falou de fazer uma feirinha, e com o Luciano e para Adriana Papatella, a gente falou de fazer a feirinha em Morro do Pilar, e aí começou o movimento. (Entrevista 4- Simone. Data 23/05/23. Arquivo do pesquisador)

Em 2010, Simone, Lucas, e Adriana decidiram fazer uma feira em datas comemorativas da cidade de Morro do Pilar, como forró do campo e festa de agosto, com alguns produtores locais, que são o Sr. Luciano, Dona Marta.

Se eu não me engano a feira começou em 2010, acho que é a primeira feira, foi isso mesmo no mandato do Cristian, na época foi eu e o Luciano, a dona Marta do tenente Leão. (Entrevista 4- Simone. Data 23/05/23. Arquivo do pesquisador)

Ambos moravam em localidades diferentes, o Sr. Luciano morava no Carioca, o Lucas e a Simone na Lapinha, Dona Marta em Morro do Pilar, e ambos participaram da feira da AGRIMINAS em Belo Horizonte, pouco tempo depois a esposa do seu Luciano, a Dona Piedade começou a participar deste movimento de comercialização junto com eles. Antes de ir para a praça do município comercializar seus produtos eles fizeram uma reunião com a Adriana Papatella representante local da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) para que tivessem apoio da mesma e chamassem outras pessoas.

Bom na época a Emater organizou uma reunião, na sede da Emater, onde chamou outras pessoas, e a gente chamou também no boca a boca convidando para essa reunião. (Entrevista 4- Simone. Data 23/05/23. Arquivo do pesquisador)

A organização da feira era feita em reuniões entre os participantes da feira, para pensar modos de resolver pendências. O movimento não cresceu muito nessa época por que não havia uma valorização dos produtos pelos moradores locais, o que não trazia muita renda para os feirantes.

Na feira era comercializados produtos da agricultura familiar, produzidos de forma orgânica, esses produtos eram geralmente frutas e legumes da época, que seriam produtos davam em certas épocas do ano.

A gente trabalhava basicamente com frutas na época laranja, maçã desculpa laranja, banana, limão Taiti, inhame, algumas pessoas traziam verduras frescas, a gente chegou a trazer frango e vivo mesmo dentro de uma gaiola para vender, e aí a gente tinha também alguns produtos beneficiados, como geleia de fruta da época, tipo de goiaba, jabuticaba, conservas que a dona Marta fazia, e mel, naquela época a gente já vendia mel, e tinham alguns produtores que faziam quitandas, tipo biscoito polvilho, rapadura, principalmente a família do Luciano né, ela produzia rapadura de mamão de amendoim. (Entrevista 4- Simone. Data 23/05/23. Arquivo do pesquisador)

Mesmo com uma diversidade de produtos os feirantes enfrentavam a desvalorização dos seus produtos, e para que eles não perdessem sua produção muitos desses produtos eram levados para Belo Horizonte, para serem comercializados.

(...) O problema da comercialização de produtos da agricultura familiar de Morro do Pilar sempre foi a falta de valorização dos produtos locais, então o que acontecia a gente reunia os produtores trazia nas feiras que era durante os feriados, nos sábados, na semana santa, durante o forro, durante a festa de agosto, mas a gente não tinha venda o suficiente pra garantir a comercialização desses produtos então como que a gente trabalhava qual que era a estratégia, o que não era vendido aqui localmente a

gente levava pra feira de belo horizonte, por que o que acontecia, os produtos daqui era muito mais valorizado lá, (...). (Entrevista 4- Simone. Data 23/05/23. Arquivo do pesquisador)

Em Belo Horizonte toda a produção levada para a comercialização era vendida e os produtores não levavam nada para a casa, por Belo Horizonte ser uma cidade muito grande, as pessoas não tinham acesso a produtos orgânicos com facilidade e isso trouxe um benefício muito grande para os feirantes enquanto agricultores que produzem desses alimentos em grande quantidade.

(...) então por exemplo em Belo Horizonte quase toda banana que era cortada, por exemplo no carioca a gente conseguia vender, primeiro por que o número de consumidores era maior e segundo por que a valorização dos produtos era diferenciada, no sentido de que a pessoa provava aquela banana e falava “nossa essa banana tem gosto de banana é muito diferente da banana do CEASA”, é teve ocasiões por exemplo de ter consumidores que falava assim “nossa essa laranja tinha no quintal da minha avó, eu lembro dessa laranja campista,” e por exemplo a rapa dura com amendoim a gente vendia ela pra pessoa ela falava “nossa eu lembro do tempo da minha avó que ela fazia essa rapa dura de amendoim,” então tinha uma coisa de ter um sentimento de familiaridade pra muitas pessoas que hoje moram em Belo Horizonte em apartamento e aí tinham esse retorno com os produtos, (...). (Entrevista 4- Simone. Data 23/05/23. Arquivo do pesquisador)

Os feirantes comercializaram por um bom tempo dessa forma, eles levavam seus produtos e os dos seus colegas agricultores todas as vezes em que iam para Belo Horizonte, até que em um dado momento eles perceberam que não estava mais dando certo por que o produto que não era vendido perdia e o produtor levava prejuízo em sua mercadoria.

(...) a gente percebeu que tem uma sobra muito grande de produtos, então nas primeiras feiras a gente comprava a produção e aí depois vendia, e às vezes essa conta não fechava porque a gente comprava a produção e aí depois não conseguia tirar o valor, então a gente tentou por alguns anos isso e depois a gente viu que era meio inviável ficar fazendo dessa maneira, e aí às vezes não compensava para o produtor, porque a gente ia para Belo Horizonte por exemplo às vezes com oito caixas de banana e vendia quatro, e aí essa sobra ela acaba perdendo(...). (Entrevista 4- Simone. Data 23/05/23. Arquivo do pesquisador)

Após este período eles pararam com a comercialização dos produtos, já que em Morro do Pilar não haviam uma valorização e busca por esses alimentos orgânicos pelo fato dos moradores terem fácil acesso a eles, e acharam inviável comprar algo que eles ganhavam de seus parentes que moravam em localidade rurais ou até por plantarem em seus quintais. A produção dos feirantes era feita de forma orgânica e era algo que vinha com eles desde que começaram a trabalhar na lavoura, pelo fato de saberem como é importante uma alimentação saudável livre de insumos químicos.

(...) inclusive na época a gente foi convidado pelo Ministério da Agricultura pra ser uma entidade certificadora, na época em que começou o Programa nacional de Agricultura Orgânica a gente foi convidado pra ser uma entidade certificadora, ou seja pra que os próprios agricultores se reunissem, fizessem um processo de certificação interna entre os produtores da feira e ai com visitas e também com orientação da EMATER(...). (Entrevista 4- Simone. Data 23/05/23. Arquivo do pesquisador)

Os produtores locais têm em seus métodos de plantio ensinamentos de seus antepassados e por este motivo preferem usar métodos de plantio agroecológicos que aprenderam ainda jovens.



amalapinha.org

AMALAPINHA RECEBE VISITA DA COORDENADORIA DE
ORGÂNICOS DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

Figura 43. Visita da Coordenadora do ministério da agricultura ao terreno do Sr. Luciano.
Fonte: Print de tela do facebook Amalapinha

Após algum tempo a feira parou de acontecer devido a desvalorização dos produtos e ao baixo rendimento financeiro, o que fez com que os feirantes parassem com o movimento. Como a feira acontecia em eventos comemorativos o rendimento era baixo e eram poucos feirantes, além desse fator em 2012 o Sr. Luciano teve alguns problemas de saúde e teve que se ausentar junto a sua esposa Dona Dada para fazer tratamento de saúde, e como não havia muitos participantes o movimento perdeu o ritmo.

O movimento de fazer a feira com outros produtores locais trouxe um grande benefício para alguns envolvidos como o Lucas e a Simone que ampliaram o modo de comercialização com novos métodos para conservar os alimentos e mais parcerias comerciais.

(...) mudou muito, porque a partir da feira e dessas dificuldades que a gente pontuou, que não eram só nossos eram de todos os agricultores. a gente foi buscar novos projetos que pudessem fazer renda principalmente através da diversificação, porque a nova juventude rural ela não quer trabalhar diretamente com a roça, ela não quer trabalhar como o pai ou como os avós trabalhavam, então quando a gente foi buscar o turismo de base comunitário como alternativa, a comercialização e novas redes né, que compensassem mais financeiramente, a gente entendeu o que a gente precisa buscar uma diversificação ou seja trabalhar com turismo agregado, com a produção de cursos, com beneficiamento dos produtos, por exemplo a gente começou a fazer banana passa, porque a gente tinha sobra de banana, começou a diversificar por exemplo com a produção de cogumelo, você tinha um custo-benefício muito alto, e isso durante a pandemia foi muito importante para nós porque foi esse aprendizado lá de 2010, que nos possibilitou na pandemia por exemplo ter uma rede de entrega semanais na Serra do Cipó, que a gente entregava uma média de trinta cestas né, de produtos, toda semana, então se a gente não tivesse essa rede que foi criada lá em 2010, durante a pandemia por exemplo eu vendi doce de goiabada da dada, eu vendi queijo de alguns produtores conhecidos daquela época, e assim essa variedade de produtos e que possibilitou que a gente durante a pandemia por exemplo tivesse uma rede de consumidores tão forte(...). (Entrevista 4- Simone. Data 23/05/23. Arquivo do pesquisador)

Os aprendizados que eles tiveram durante a feira ajudou muito durante a pandemia, e sem todo esse aprendizado sobre diferentes formas de manusear os alimentos eles não teriam um bom desenvolvimento comercial durante a pandemia. Graças aos conhecimentos adquiridos na feira eles conseguiram ter renda e possibilitar que outros produtores adquirissem renda durante o período de isolamento social, e isso foi importante para a subsistência de muitos produtores.

2.3. Percurso Histórico da Feira Agroecológica e de Artesanato de Morro do Pilar

Antes da feira começar de fato, a associação realizou algumas feiras culturais, onde foram comercializados os produtos da agricultura familiar e comidas típicas da região.



Figura 44. Primeira Feira Cultural. Fonte: Acervo da Elisiara

No dia 02 de agosto de 2015, houve a realização da feira cultural na Vila Santa Luzia em frente à loja da professora Delia, no Município de Morro do Pilar, durante o evento houve leitura de livros e brincadeiras que foram realizados com materiais disponibilizados pela Associação Comunitária de Morro do Pilar. As brincadeiras foram organizadas pelos grupos Arca das Letras e o Tribo da Terra, primeiro houve um encontro experimental onde foram apresentados os dois grupos, montaram as tendas, produção culinária, roda de leitura. Dentre os participantes estavam, Elisiara e família, Santa e família, Zé Coreia, Dona Maria, Dona Piedade e Família, Dona Délia e família, Dona Marta Leão, Sr. Joaquim, Fernando e esposa, cada um deles teve um papel importante para a realização do evento, desde empréstimo de materiais, a organização, visita, produção de alimentos e entre outros. Durante o evento foram comercializados alimentos como banana chips, salada de frutas, pasteis de carne, banana e queijo, tapioca, Cuscuz, caldo de carne e muitos outros, houve as brincadeiras com as crianças com petecas artesanais, perna de pau, corda, bola, livros carrinhos de madeira, e entre outros.

A segunda feira aconteceu no dia 06 de setembro de 2015, com as mesmas atividades e teve como voluntários o Marcelo do Trailer, comerciante local, Ananias da Geraldina, Dona Piedade, e Dona Marta leão. Nesse dia a feira contou com a visita da prefeita de Morro do Pilar, que se mostrou muito contente com a feira.

No dia 01 de outubro de 2015, houve a 3º feirinha cultural, com a presença de Maria Tomaz, Dona Delia e Família, Ananias da Geralda, Verinha e Cátia, e o apoio da Secretaria de Cultura e Turismo que fechou a rua para que os participantes e as crianças tivessem mais segurança durante o evento. Todos os dias as programações foram as mesmas e as feirantes arrecadaram dinheiro durante o evento com a venda de produtos culinários feitos por elas.

Ainda em 2015 foi realizada a Feira dos Produtores, com a participação do grupo Arca das Letras e o apoio da Secretaria de Meio ambiente de Morro do Pilar, Rede de Intercâmbio, Agricultoras da Região e seus filhos, durante a feira os produtos da agricultura familiar e dos artesãos foram expostos nas barracas e houve o incentivo à leitura pelo grupo Arca das Letras a todos os participantes e inclusive as crianças.



Figura 45. Feirantes e seus produtos. Fonte: Acervo da Elisiara



Figura 46. Todas as barracas expostas na feira. Fonte: Acervo da Elisiara



Figura 47. Demais Participantes da feira. Fonte: Acervo da Elisiara



Figura 48. Crianças lendo os livros disponibilizados pela Arca da leitura, Fonte: Acervo da Elisiara

Como podemos perceber na foto acima a entrevistada Simone que participou junto ao seu marido Lucas e o Sr. Luciano na primeira feira de Morro do Pilar, está ao lado da Elisiara com a camisa branca, pois a implementação da feira de agroecologia e artesanato de Morro do Pilar foi algo que foi pensando a partir da primeira feira de Morro do Pilar.

Ao final da feira o Rede de Intercâmbio reuniu os agricultores para falar sobre as ações da ATER, que seriam realizadas em Morro do Pilar, e essa reunião aconteceu no meio da praça.



Figura 49. Reunião com a Rede de intercâmbio. Fonte: Acervo da Elisiara

No dia 26 de março de 2015 a Associação promoveu a Feira dos agricultores, realizada próximo à praça Monsenhor Matos em Morro do Pilar, na feira foram expostos produtos dos agricultores locais como verduras, frutas, legumes, biscoito de polvilho, óleo de coco temperos, doces pães e entre outros, nesta feira estiveram presentes dois viajantes da Colômbia e do Chile, que fizeram amizade com a Elisiara. A feira foi como qualquer outra, sem muitas atrações artísticas e apenas a comercialização dos produtos.



Figura 50. Barraca cedida pela Geralda, uma comerciante local, Fonte: Acervo da Elisiara



Figura 51. Barraca da feirante Gilsa. Fonte: Acervo da Elisiana

No dia 12 de maio de 2016 os associados decidiram criar a feira agroecológica e de artesanato em Morro do Pilar, que acontecia todas as quintas feiras das 8h da manhã a 13h da tarde. O local em que a feira acontecia desde o início era na praça Monsenhor Matos, próximo a igreja matriz de Nossa Senhora do Pilar. Ao desmontar as barracas todas ajudavam umas às outras e colocavam as barracas atrás da igreja, já que elas ainda não possuíam um galpão, o uso do espaço era permitido pelo padre que era responsável pelo local na época. Porém este espaço não era coberto, o que comprometia ainda mais a estrutura das barracas, que já estavam desgastadas. Algumas estavam tão precárias que não suportavam muito peso, essas barracas eram emprestadas pela prefeitura, como dito anteriormente.

A feira possuía uma grande diversificação de produtos, pois dentre as feirantes tinham agricultoras, artesãs e quitandeiras, que produziam alimentos mais saudáveis, dentre eles estão, derivados leite e da mandioca, óleo de copaíba, óleo de coco indaiá, colher de pau, pano de prato, acessórios de cozinha como puxa saco, peso de porta, bonecas de pano, apoio para panela, amendoim, rapadura, melado, banana, corante, pão integral, mel, doces, legumes e verduras em geral, pastel de massa caseira, bolo, biscoito de polvilho, remédios de ervas medicinais, cesto, bolsa e chapéu de palha indaiá, balaio muito usado para transportar milho e entre outras coisas em cangalhas.



Figura 52. Feira de 2016 com exposição dos moveis de bambu, produzidos pelos associados. Fonte: Acervo da Elisiara

As primeiras participantes foram, Santa, Piedade, Neuza, Regina e Eliziar. Após um período as participantes da feira chamaram seus conhecidos e amigos, fazendo com que mais pessoas fossem a feira para vender seus produtos, dentre eles, Expedito, Helena, Vander conhecido como Vandinho, Rosa, Conceição e Josiane, ao longo do tempo foram entrando e saindo pessoas diferentes. Alguns desses feirantes eram moradores da área urbana, esse fato justifica-se, pois, apesar de Morro do Pilar ser um pequeno município, algumas casas tem quintal amplo e produtivo. Havia ainda outra situação, de algumas feirantes que vendiam produtos de outras pessoas na feira. Em muitos casos essas pessoas iam até as feirantes e pediam para que elas comercializassem seus produtos para que eles não estragassem, essas pessoas eram tanto da zona urbana quanto rural.



Figura 53. Feira em 2016. Fonte: Acervo da Elisiara



Figura 54. Feirante Sr. Expedito da comunidade Serra. Fonte: Acervo da Elisiara

Os feirantes eram de diferentes comunidades rurais do Município de Morro do Pilar, entre elas estão, Serra, Lapinha, Carioca, Ponte de Cimento, Areias e como eu disse anteriormente, pessoas do próprio Município, algumas delas iam para a feira de carro próprio como a feirante Elisiara e o Sr. Expedito, já outros dependiam do caminhão da prefeitura para se locomover. No início o transporte era feito com um caminhão da associação comunitária de

Morro do Pilar, criada a fim de dar suporte financeiro a feira, esse caminhão ficava no pátio da prefeitura de Morro do Pilar, já que o motorista era trabalhador da mesma. Com passar dos anos esse caminhão teve um problema no motor, causado por mal uso, já que a prefeitura usava o caminhão para fazer o transporte de materiais de construção, mobília, ferramentas de trabalho e entre outros, e após esse acontecido o caminhão foi descartado.

Pouco tempo depois a prefeitura passou a fazer o transporte com veículos de sua própria tutela, mas como alguns transportes não eram adequados por serem muito pequenos ou de uso diário, como os ônibus escolares, o prefeito conseguiu um caminhão maior que o anterior conquistado pela prefeitura, para que as feirantes transportassem seus produtos não só para a feira de Morro do Pilar, mas também para eventos fora do Município. A conquista do caminhão foi pela representante do Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), Adriana Papatella, que na época teve que lidar com muitos procedimentos burocráticos em Belo Horizonte.

A participação maior na feira era feita por mulheres agricultoras rurais, que tinham sua produção a partir da agricultura familiar e orgânica, grande parte dos produtos comercializados eram cultivados por elas. Ao final da feira todas juntavam suas verduras e legumes que corriam o risco de estragar, e trocavam com colegas de feira e comerciantes próximos por produtos que elas não possuíam, essa forma de fazer troca era algo muito presente entre elas e era algo que trazia um grande benefício, pelo fato das feirantes levarem pra casa alimentos que elas não possuíam e terem uma alimentação mais diversificada.

(...) mudou esse movimento né, de tá semanalmente, toda quinta feira encontrando com as amigas e trocando os produtos, então assim pra nossa alimentação né, também melhorou muito por que ao final a gente trocava muito o que sobrava né, ou as vezes a gente também logo na chegada já ia garanti né, um produto de uma, de outra que a gente queria, então teve um salto de qualidade na nossa alimentação né(...). (Entrevista 2- Elisiara. Data 02/04/23. Arquivo do pesquisador)

As vezes as trocas eram mais priorizadas do que as vendas, como a Elisiara diz no início elas já ia garantir o produto de alguma feirante que chamou a sua atenção, e isso mostra que o lucro não eram o principal e sim o bem estar delas e do próximo ao adquirir um alimento saudável. Esse fato revela um grande diferencial para a feira, já que no mercado o dono não pensa na alimentação do seu cliente, ou nos danos que aquele alimento do mercado cheio de agrotóxico pode causar.

Em conversa com a minha mãe sobre a feira houve um momento em que ela me disse que algumas pessoas diziam que quando voltassem do trabalho ou de algum lugar elas

passariam na feira mas elas acabavam passando no supermercado e comprando verduras, e na volta essa pessoa passava em frente a feira com a sacola cheia de legumes do supermercado, isso chateava as feirantes por que elas estavam oferecendo alimentos saudáveis para os clientes mas nem todos reconheciam isso, e não era questão do alimento do supermercado ser mais atrativo, pois os produtos das feirantes eram muito mais atrativos em relação a tamanho, a tonalidade, nem todos os clientes eram assim.

O importante que o pessoal deixa de compra do supermercado, pra ir lá compra na mão da gente, essa foi a importância, então eles já tá ali toda semana esperando pra gente, por que sabe que a gente vai leva um produto saudável, a importância então é essa, que eles deixam de comer aquele produto com química pra comer a alimentação saudável que a gente leva. (Entrevista 1- Santa. Data 28/03/23. Arquivo do pesquisador)

Como a Dona Santa relata, muitos clientes gostavam de comprar na feira, tinha aqueles que ficavam esperando o horário de começar a feirinha pra ir lá adquirir aquele produto, por saber da importância que ele tinha na alimentação deles, e isso era importante para as feirantes por que elas sentiam que o trabalho delas era valorizados por eles.

No ano de 2017 foi feita uma reunião na casa da Dona Maria da conceição com a participação de produtores rurais da região que participavam da feira, o assunto da reunião foi a inauguração das barracas e como o evento seria organizado, sendo assim elas pensaram na realização de um almoço para aqueles que ajudaram na conquista das barracas e a entrega de uma sobremesa que seria o doce de leite, além disso eles também pensaram nas questões burocráticas como o pagamento de um alvará da prefeitura. A divulgação da Inauguração foi feita pelos feirantes em redes sociais e através com o convite feito pela técnica da EMATER, Adriana Papatella.



Figura 55. Convite para a inauguração das barracas novas, Fonte Acervo da Elisiara



Figura 56. Autoridades presentes na inauguração. Fonte: Acervo da Elisiara, ano 2017

No dia 09 de fevereiro de 2017 a inauguração aconteceu conforme o que foi combinado na reunião, com atrações para as crianças como barraquinha com algodão doce, pula-pula, pasteis de massa caseira, coxinhas e os produtos que já eram comercializados pelas feirantes, mesas e cadeiras para que os clientes se sentissem confortáveis ao consumir algum alimento feito na hora, a caracterização da feira foi feita com balões para enfeitar as barracas.

O evento contou com a participação do prefeito de Morro do Pilar, Sr. José de Matos Vieira Neto e do Gerente Regional da EMATER Sr. Vagner Vicente Rodrigues de Almeida, o vice prefeito Sr. João Rodrigues mais conhecido como João da Ponte Alta, a Técnica da EMATER, Adriana Papatella, o presidente da Associação Sr. Joaquim dos Santos e alguns vereadores como a Dona Geraldina mais conhecida como Dina. Durante a inauguração foram feitos alguns discursos sobre a importância da feira. Os alunos da Escola Intendente Câmara também estiveram presentes, com a autorização da escola, para que eles pudessem presenciar um momento importante para os agricultores locais. Após a inauguração das barracas novas algumas pessoas se interessaram pelo trabalho dos feirantes e pelo fato de conseguir escoar a produção e não perder aquilo que plantaram e resolveram começar a participar da feira, com isso o número de feirantes aumentou bastante o que trouxe uma grande variedade de produtos para os clientes que gostavam de frequentar a feira, entre os que já estavam na feira e os que entraram durante a inauguração estão.

Os feirantes participantes da inauguração foram: Piedade, Santa, Neuza, Regina, Eliziara, Josiane, Claudilene, Helena, Vander, Expedito, Raimunda, Rosa, Conceição, Maurício que já estavam na feira. Entraram na feira no dia da inauguração: Vitor, Ana Viana, Adair, Rosalina, Sônia, Edite, Fátima. Todos os feirantes foram convidados a se filiar na Associação Comunitária Morro do Pilar. As fichas cadastrais foram preenchidas durante o mês de março na feira pela Secretária e Tesoureira da Associação. (Relatório Anual de Gestão da Diretoria 2016-2017)

Na inauguração algumas pessoas que não faziam parte da feira anteriormente participaram durante o evento a partir de convites feitos pelas feirantes, essas pessoas eram amigos e vizinhos das feirantes que se interessaram na possibilidade de participar de um evento em que eles podiam comercializar seus produtos.



Figura 58. Inauguração das barracas. Fonte: Acervo da Elisiara

Após a inauguração os feirantes se reuniram na Câmara Municipal de Morro do Pilar em um encontro para debater sobre como foi a inauguração das barracas, e sobre a aprovação do regimento interno. Em meio ao debate eles homenagearam o Sr. Luciano que foi o primeiro a pensar uma feira em Morro do Pilar e buscou com muito esforço e dedicação pelo acontecimento dessa feira, e com isso alguns se emocionaram, já que ele faleceu em meados de 2015, com o agravamento de um problema sério de saúde.



Figura 59. Reunião pós inauguração das barracas, Fonte: Acervo da Elisiara

O Sr Luciano foi um dos primeiros produtores rurais que buscou a implementação de uma feira da agricultura familiar em Morro do Pilar. Em 2010 Sr. Luciano e o Lucas da lapinha criaram uma feira em festas comemorativas da cidade para escoar a produção, entretanto a feira não continuou por falta de apoio e valorização, e alguns anos depois o Sr. Luciano teve problemas de saúde e precisou se afastar de suas atividades para se dedicar ao tratamento médico, mas infelizmente ele veio a falecer em decorrência da doença. Atualmente todos carregam a lembrança do Sr. Luciano como aquele que lutou pela valorização do trabalho do produtor rural, e do movimento de comercialização dos alimentos cultivados pela agricultura familiar. Após o falecimento do Sr. Luciano a sua esposa, Dona Piedade, mais conhecida como dona Dada e sua filha Regina Andrade deram continuidade aos trabalhos na lavoura em que o Sr. Luciano trabalhava. Dona Piedade participou da feira em que o Sr. Luciano promoveu e da feira de 2016 que foi criada pelos produtores.



Figura 60. Imagem do Sr. Luciano na Câmara Municipal de Morro do Pilar. Fonte: Acervo próprio



Figura 61. Sr. Luciano e sua esposa Dona Piedade. Fonte: Acervo da Regina

Na figura em que ilustra um quadro do Sr. Luciano na parede da câmara municipal, está presente também imagens de outros produtores e artesãos do município que se destacam em seu trabalho e na historicidade de Morro do pilar. Assim como nas imagens acima o Sr. Luciano recebia todos com um sorriso no rosto e muita simpatia, ele era uma pessoa muito determinada e alegre, sempre buscava alcançar seus objetivos alegrando aqueles que estavam por perto. Hoje nos resta lembrar da determinação do Sr. Luciano enquanto produtor rural e feirante.

Na feira, além de produtos de gênero alimentício, também são comercializados artesanatos diversos. As artesãs que participavam da feirinha participaram também do Programa, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) de Artesanato e na 29ª Feira Nacional de Artesanato em 2018, com o apoio da EMATER e da Associação, a primeira vez que entraram em contato com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) foi em maio de 2018, e a partir desse contato, o programa ajudou na valorização e divulgação do trabalho das artesãs. Foi realizada uma reunião para debater o que o programa faria, e elas fizeram uma especialização com 136 horas, com a presença do Sr. Milton Gomes, psicólogo e com a design Sra. Andreia Costa nos meses de julho e dezembro, durante o curso as artesãs fizeram lindos trabalhos artesanais com diferentes materiais.



Figura 62. Artesãs, Fonte: Acervo da Elisiara



Figura 63. Artesãs produzindo. Fonte: Acervo da Elisiara



Figura 64 artesanatos produzidos durante a oficina



Figura 65. Prefeito na 29ª Feira Nacional de Artesanato

Como mostra a figura acima o prefeito do Município de Morro do Pilar, foi prestigiar as artesãs durante o seu trabalho na 29ª Feira Nacional de Artesanato, logo após esta participação a feira obteve o apoio do SEBRAE durante o seu funcionamento, o que trouxe um grande destaque para a feira já que sua variedade de produtos aumentou e foi chegando mais participantes.

Em meados de 2018-2019 a feira continuou em funcionamento com grandes variedades de produtos como podemos ver nas imagens abaixo.



Figura 66. Feira em parceria com o SEBRAE em 2018. Fonte: Acervo da Elisiara



Figura 67 Feirantes Santa, Sônia e Rosalina. Fonte: Acervo da Elisiara

Nesse ano o Sr. Pedro, festeiro da festa de agosto, participou da feira com as feirantes a fim de fazer um Bazar e para isso ele ia com sua van todas as quintas para a praça Monsenhor Matos para se juntar as feirantes no momento em que acontecia a feira. Na figura acima podemos perceber uma van atrás das feirantes Santa, Rosalina e Sônia, essa van era usada para transportar e para vender as roupas, já que era melhor do que tira-las para colocar em uma barraca, e esse Bazar era feito com o intuito de arrecadar dinheiro para a realização da festa, em relação a compra dos alimentos usados para fazer as comidas típicas da festa, como os doces e

o tutu da madrugada.

No dia quatro de julho de 2019 foi realizada uma festa julina pelas feirantes com o apoio da associação, onde foram realizadas brincadeiras, comidas típicas e danças culturais da festa.



Figura 68. Feira do dia 28 de março de 2019 poucos meses antes da pandemia de Covid-19. Acervo da Elisiara



Figura 69. Festa julina. Fonte: Acervo da Elisiara

No dia 17 de outubro de 2019 foi realizada a oficina de brincadeiras e de Abayomi, uma boneca feita de retalho de pano, durante a oficina foi feita uma recepção para as crianças e brincadeiras como confecção de bonecas de nós em retalhos de tecido peteca e de adivinhe, as crianças ficaram muito felizes com o evento e se divertiram muito com as brincadeiras e brinquedos na oficina.



Figura 70. Feirante Elisiara ensinando a confeccionar a Boneca Abayomi. Fonte: Acervo da Elisiara



Figura 71. Oficina de brincadeiras e abayomi. Fonte: Acervo da Elisiara

A partir início de dezembro de 2020 a feira parou seu funcionamento devido a pandemia de covid-19, para a segurança das feirantes e da comunidade local, para que não houvesse aglomeração e nem contaminação dos mesmos. Durante o período 2020– 2021 a feira parou com seu funcionamento, ao contrário da Associação que ainda promoveu algumas reuniões,

durante essa paralisação da feira. As feirantes permaneceram conversando entre si através de um grupo de WhatsApp, nele elas conversavam sobre a possibilidade de voltar e como elas fariam para voltar com a feira. Em meados de 2021 as feirantes Elisiara, Regina, Dona Piedade, Dona Santa e a Edilene voltaram a participar da feira, e para isso elas compraram máscara e álcool em gel. Elisiara pediu seu marido para fazer baldes com torneiras para que os clientes e elas mesmas pudessem lavar as mãos, mas infelizmente com o passar do tempo os casos de covid-19 voltaram e elas não foram mais a feira, principalmente por terem problemas de saúde e não poderem se expor a tal risco.

Em meados de julho a Dona Santa, Edilene e Judite começaram a Participar da Feira já que os casos diminuíram muito, nessa volta da feira a Dona Santa chamou mais uma pessoa para a feira que seria a Judite, esse convite foi com a intenção de ajudar a Judite a ter melhoras em relação ao seu psicológico, já que a pandemia havia mexido muito com o emocional dela, elas eram amigas e vizinhas e tinham uma proximidade muito grande, por este motivo a Dona Santa quis fazer algo por ela, e trazê-la para um ambiente onde as relações com as pessoas traziam um bem estar e distração.

que contribuiria com seu bem estar emocional.



Figura 72. Dona Santa e a Edilene na feira. Fonte: Acervo próprio



Figura 73. Santa e da Judite na feira. Fonte: Acervo próprio

No ano de 2022, Dona Santa se Mudou Para a Comunidade Manga das Éguas, próximo a Santo Antônio do Rio Abaixo município vizinho de Morro do Pilar, essa mudança ocorreu por que o marido da Dona Santa, Sr. Afonso conseguiu um trabalho melhor, já que ele estava desempregado, sendo assim ela começou a participar da Feira Livre de Santo Antônio do Rio Abaixo, e não foi mais na Feira Agroecológica de Morro do Pilar, já que não tinha transporte da prefeitura para buscá-la em sua casa. Desde então Dona Santa e as demais feirantes não vão mais a feira e um dos maiores motivos é a falta de transporte.

As feirantes relatam que elas planejam voltar com uma feira nos finais de semana para que ainda haja esse movimento de comercio dos produtores locais, mas para isso é necessário o apoio da Prefeitura em relação ao transporte.

Gostaria não, a feira se Deus quiser vai voltar acontecer, igual eu tô falando de 15 em 15 dias, uma feira numa sexta-feira né, onde entraremos aí com alguns produtos da agricultura familiar, comidas típicas e inventar algumas bebidas, chamar mais a atenção do público, e também do público jovem, onde na cidade não tem muito o que fazer, então a feirinha vai voltar sim se Deus quiser. E tem que voltar porque é importante né, você ter aí um meio de tá vendendo seus produtos, comercializando seus produtos, você tirar uma renda extra, igual eu acabei de falar você tem um movimento diferente na cidade garantindo aí uma alimentação saudável também né, com produtos naturais, e também dando força para o homem do campo, que sinceramente do jeito que está, roça ninguém quer saber de roça, o que a gente precisa na verdade é de apoio, se estivessemos mais apoio a feirinha poderia estar acontecendo toda semana sim, mas infelizmente a gente não tem apoio a prefeitura promete apoiar. (Entrevista 3- Regina. Data 17/04/23. Arquivo do pesquisador)

Como podemos perceber as feirantes queriam muito a volta da feira, mas precisavam do apoio da prefeitura para que isso acontecesse. Essa questão precisava ser conversada com o prefeito da cidade para ser resolvido. A feira era um movimento de resistência, por que as feirantes não lucravam um alto valor com a venda dos seus produtos.

muita gente foi se decepcionando porque nossa feira é uma resistência mesmo né, eu acho que ela se manteve por muito tempo, mais pelos encontros do que pelo rendimento né, ali do financeiro, então pra tanto esforço as pessoas acharam que o rendimento era pouco, e teve muita desistência, então no final acabou ficando a gente, mais ou menos em oito mesmo que se manteve assim, a gente montava quatro barracas, ficava duas em cada barraca né, quatro cinco barracas por um bom tempo. (Entrevista 2 - Elisiara. Data 02/04/23. Arquivo do pesquisador)

As feirantes iam para a feira com o objetivo de escoar a sua produção, já que se elas não vendessem os produtos estragavam, e para promover uma alimentação saudável aos clientes da feira, distrair um pouco já que a feitinha era um ambiente muito agradável.

No dia 02 de junho de 2023 a feira retomou atividade, desta vez, às sextas das sete da manhã ao meio dia, na Praça Real em Morro do pilar, com o apoio da Associação Comunitária de Morro do Pilar, Prefeitura, Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, essa volta da feira se deu a partir de pedidos de ajuda das feirantes ao prefeito, para voltar com o funcionamento da feira e com o transporte feito pela prefeitura.



Figura 74. Baner de divulgação da Volta da feira, Data: 31/05/23. Fonte: facebook da Associação comunitária de Morro do Pilar

A volta da feira foi um encontro cheio de alegria, com novos participantes e com a presença da nova extensionista da EMATER-MG, Helena, que compareceu a fim de fazer um



Figura 75. Feirantes e dos envolvidos na organização da feira, data 02/06/23 Fonte: Acervo da Helena

levantamento de valores dos produtos para as entregas do PNAE e prestigiar a feira. Durante a feira as feirantes mataram a saudade das colegas com conversas sobre a pandemia, onde elas disseram que foi um momento difícil pra elas, sobre métodos de conservar os alimentos e de plantio, pediram as colegas mudas e sementes de hortaliças e mudas de banana que elas não tem, elas também trocaram receitas, e viram clientes que não viam desde a pandemia, infelizmente não teve um fluxo muito grande de pessoas por elas estarem experimentado fazer a feira em lugares diferentes e por terem divulgado a volta da feira muito próximo ao dia da feira, sendo assim alguns clientes ainda não tem conhecimento sobre a volta da feira, o esperado e que nos próximos meses as pessoas passem a frequentar a feira novamente.

Na foto acima estão as feirantes, acompanhantes da família como filhos e nora, uma cliente, um responsável da prefeitura que ajudou na organização da feira, e a Helena extensionista da EMATER-MG, nesse momento a helena pediu para que todos os envolvidos tirassem uma foto juntos, a Helena é a mulher de boné preto e o homem do lado dela é o responsável pelas barracas e pela organização do espaço em que foi organizado para colocar as barracas.



Figura 76. Feirantes Regina e Dona Piedade , Data 02/06/23, Fonte: Acervo da Regina



Figura 77. Feirante Dona Santa e sua filha, eu, Alice, data 02/06/23, fonte: Acervo próprio



Figura 78. Feirante Ana Lúcia, Data 02/06/23, Fonte: Acervo próprio



Figura 79. Feirante Sônia, data: 02/06/23, Fonte: Acervo próprio



Figura 80. Feirante Vânia e sua filha Poliana, data: 02/06/23, Fonte: Acervo da Regina

Nas fotos acima estão as feirantes que participaram da volta da feira, alguns já estavam na feira antes, mas duas feirantes entraram no dia 02/06/23, essas feirantes eram a Vânia e a Ana Lúcia, que foram recebidas com muito carinho, a Ana Lúcia estava comercializando seus produtos e os produtos da Gilsa André que não pôde estar presente devido ao seu trabalho no CRAS como assistente social, e a Vânia estava comercializando apenas seus próprios produtos.

As três horas teria mais uma feira com artesanatos e comidas típicas, entretanto ela aconteceu as seis da tarde com comidas e bebidas típicas da região como licor, pão caseiro, pão de banana, empada de frango e pastel de massa caseira.



Figura 81. Barraca do Sr. Ronaldo, data: 02/06/23, Fonte: Acervo próprio



Figura 79. Feirante Aparecida, Data: 02/06/23, Fonte: Acervo próprio



Figura 82. Barraca da feirante Regina, data: 02/06/23, Fonte: Acervo próprio

Na feira das seis da tarde, apenas a Regina já participava anteriormente, os feirantes Dona Aparecida e Sr. Ronaldo eram novo feirantes, ambos já participaram do festival da banana junto com as feirantes, mas não faziam parte da feira em si, entretanto com a volta da feira eles viram esse fato como uma oportunidade de comercializar seus produtos, o licor do Sr. Ronaldo é feito de frutas e iguarias usadas na culinária local, como jenipapo, banana, figo, canela, laranja, morango, menta, e entre outros, a Dona Aparecida levou pães caseiros, pão de banana, quibe, e empada de frango, a Regina estava vendendo seu pastel de massa caseira e recheio com produtos da pecuária local, como queijo e carne bovina.

3. A FEIRA DE AGROECOLOGIA: VIVÊNCIAS, EXPERIÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS A PARTIR DAS VOZES DAS FEIRANTES

3.1. A feira agroecológica como lugar social, cultural e solidário

A feira é um ambiente em que os envolvidos promovem uma sociabilidade por estarem sempre se relacionando de diferentes formas.

Na feira de agroecologia e artesanato de Morro do Pilar as feirantes não prezam apenas pelo lucro, elas também prezam pelo seu bem estar mental, porque é através da feira que elas conseguem aliviar o estresse ou alguns sintomas de problemas emocionais, com as conversas, as trocas, o lazer que lhes é proporcionado, e também com a relação de amizade entre freguês e feirante que acontecem na feira.

Essas relações de amizade é algo que a feira promove por ser um ambiente aberto ao diálogo com aquele que produziu aqueles produtos que estão sendo comercializados, onde todos se sentem à vontade pra brincar conversar, e isso traz um vínculo muito grande entre as pessoas que participam da feira, sendo elas os feirantes e a comunidade, e isso desperta nos clientes uma confiança na feirante e nos produtos que ela está comercializando.

Nos mercados o dono não vem conversar com os clientes por ter pessoas para atendê-los, e os funcionários tem que atender de forma mais rápida para que consigam atender um grande número de pessoas durante o dia. Na feira o cenário é diferente, os feirantes são pessoas simples que estão trabalhando em um ambiente em que eles conhecem muitos dos seus clientes e muitos tem uma relação de amizade, esse é o diferencial da feira. As pessoas precisam dessa socialização para se sentirem melhor, e a feira proporciona esse bem-estar social, que muitos outros ambientes não conseguem proporcionar.

A feira para mim é muito importante, além da comercialização dos produtos né, que a gente às vezes não consegue trazer e vender de porta a porta, e é um local também de encontros, onde você tem conhecimento, faz novas amizades, e gira em torno de, de outras pessoas né, você tá saindo da sua cidade com o intuito de vender, além de vender de respirar um outro ar também, por que a feira não serve só para mim vender meus produtos, eu junto os produtos lá na roça, mas eu venho com interesse de ver pessoas diferentes, de conhecer outras pessoas, de fazer novos conhecimentos né, porque geralmente a gente não vende só o produto que a gente tem, às vezes compra também de outro feirante, compra de pessoas de fora. É um ambiente bem agradável onde sinceramente para mim serve até como um meio de tá cuidando da minha saúde mental, porque às vezes você fica lá na roça, na roça, na roça e vindo para cidade vender os seus produtos convivendo com outras pessoas é uma forma de você estar

distraído, eu tive problema de depressão e a feirinha foi excelente para resolver isso para mim. (Entrevista 3- Regina . Data 17/04/23. Arquivo do pesquisador)

A feira traz diversas relações entre diferentes pessoas e em diferentes aspectos, e é isso que faz com que os envolvidos tenham experiências diferentes e saiam da rotina, de algo que sempre as leva a ter os mesmos comportamentos todos os dias, as deixando entediadas e deprimidas. Como a entrevistada relata, uma das formas de se relacionarem com outras pessoas era pegando produtos dos colegas e vizinhos agricultores para vender, isso trazia uma relação maior de amizade e companheirismo e a feira ficava ainda mais atrativa com os produtos de outros agricultores.

Além das relações de amizade a feira trazia a relação de trocas e aprendizados, onde um ensinava o outro coisas que os ajudavam com seu trabalho e cuidado pessoal, às vezes a pessoas está na feira e vem um colega e fala sobre algum benefício no uso do produto que a feirante estava comercializando, houve momentos em que elas trocavam sementes, receitas de remédio caseiros para problemas de saúde e para fins estéticos e essas trocas são muito ricas. A feira é um espaço que engloba um cenário de práticas sociais que fomenta e se dá pela relação interpessoal.

Na feira as pessoas não ficavam deprimidas pois todos os dias elas iam ver pessoas diferentes com olhares diferentes sobre o mundo, e isso é algo que traz um grande aprendizado para quem está ali todos os dias, essas pessoas aprendem a ouvir mais, a observar e a entender coisas que podem ajudá-las a ter uma melhora até no seu próprio comportamento e modo de lidar com os problemas, como eu pude presenciar ao longo da minha participação na feira. A feira pra mim é um lugar de socializar com as pessoas de aliviar todos o estresse que você passou ao longo da semana, a feira é um momento em que eu posso conversar com pessoas que eu não vejo sempre por morar longe de mim.

Além disso a feira é um lugar de aprendizado, foi na feira que eu aprendi a lidar com algumas dificuldades que eu tinha em relação a matemática, ainda não sou muito boa em matemática, mas quando eu ia na feira eu exercitava minha mente em relação aos cálculos porque minha mãe me pedia pra ficar no caixa e na balança, pois ela não sabia mexer, por ser algo mais voltado pra modernidade. Quando me deparei com essa situação percebi que estar ali na feira era algo que iria me ajudar muito no aprendizado de coisas que eu não aprenderia na escola. Mesmo antes da associação adquirir a balança digital, tudo era pesado naquelas balanças comuns, que só mostrava o peso, e eu tinha que calcular quanto daria, isso pra mim era um desafio muito bom, porque eu aprendia na prática e isso ficava na minha mente e eu não

esquecia. Por este motivo eu percebi que a feira é um momento de aprendizado e de relações sociais por que era lá que eu via as minhas amigas, tanto as que moravam na cidade, quanto as que moravam na zona rural. A minha amiga Lucrecia mesmo, eu só via na feira, já que nós havíamos nos formado e cada uma tinha sua rotina e morava muito longe, era na feira que ela me via, já que ficava no caminho da casa dela pro trabalho, e sempre ela vinha até mim, me dava um abraço e conversava um pouco. Então a feira pra mim era um lugar de encontro.

É na feira que as feirantes se encontram com as pessoas na qual elas têm amizade, e conversam, trocam informações sobre diversos assuntos, por que era naquele momento em que elas viam pessoas que não podiam ver todos os dias, se atualizavam sobre o que havia acontecido na vida umas das outras, algumas pessoas iam na feira só para verem suas amigas e isso era um ato muito lindo de demonstração de afeto pelas feirantes.

Algo que era comum na feira era a troca de informações, quando as amigas da cidade iam à feira sempre tinha aquela troca de informações sobre algo que elas haviam presenciado, e isso era uma distração pra quem estava ali perto, porque não só aqueles que estavam conversando ficavam por dentro das novidades, mas aquele que estava perto ouvia o que o outro estava dizendo. Em alguns momentos a feira foi um certo veículo de informação, alguns acontecimentos graves chegavam até os ouvidos das feirantes, como roubo, morte e entre outros. Houve momentos em que as feirantes perderam amigas muito importantes pra elas, amigas e amigos que estavam sempre visitando a feira para comprar dos seus produtos, essas pessoas só compravam se fossem com elas, algumas eram pessoas que elas fizeram amizade na feira e outras já eram amigas por ser do ciclo de amizade, dentre essas pessoas apenas uma faleceu em decorrência do Covid. Essas pessoas alegravam o ambiente da feira com brincadeiras e proza, e elas traziam um momento muito lindo de descontração.

A feira é um momento em que a solidariedade e a coletividade está presente desde o momento inicial em que é organizado o espaço e as barracas, pois ao montarem as barracas as feirantes e clientes muitas vezes se uniam para se ajudarem, e esse momento era cheio de sorrisos e conversas, da mesma forma era no momento em que elas chegavam com os produtos, todos se uniam para descarregar as mercadorias do caminhão. É logo no início da feira que todos demonstravam solidariedade com o próximo, e a partir desse gesto as pessoas criavam laços, algumas pessoas que ajudavam no processo de organização dos produtos e das barracas se sentem mais próximo das feirantes e voltam mais tarde com intuito de conversar, ou até já permaneciam na feira e depois iam embora.

3.2. Feira multicultural promovendo a cultura local e eventos de solidariedade

As feirantes já ajudaram em um grande evento beneficente em prol de uma cirurgia bariátrica para o marido da feirante Edilene, o Flavio, que estava com um problema no joelho causado pelo seu peso, e precisava de uma cirurgia que ele não tinha condições de pagar. Para que o valor da cirurgia fosse arrecadado foi feito um evento com uma cavalgada e uma festa, na festa as feirantes ajudaram no preparo das comidas e bebidas e também na comercialização, os filhos das feirantes também ajudaram na organização e graças ao evento o valor necessário foi arrecadado. O Flavio conseguiu fazer a cirurgia e hoje ele está bem, ao final do evento ele fez questão de agradecer as feirantes pelo esforço e a ajuda, e elas ficaram felizes por terem ajudado.

A feira também promove eventos sociais com temáticas voltadas para a cultura campesina e local, como a festa julina. A festa julina foi realizada pelas feirantes a fim de promover a feira e também de promover uma interação social por meio de um evento que traz as raízes campesinas, na festa teve comidas típicas e danças, que reuniu algumas pessoas e gerou uma interação muito satisfatória.

As feirantes também realizam eventos para comemorar algumas datas festivas como o dia das crianças que foi realizada de uma forma que envolvesse o público alvo, para isso foram realizadas brincadeiras usando brinquedos artesanais como petecas feitas a mão e bonecas feitas de retalhos de pano. As feirantes também conseguiram uma máquina de algodão doce para alegrar as crianças, com essa comemoração os pais levavam seus filhos para brincar com outras crianças e também compravam os produtos das feirantes.

O 1º festival gastronômico da banana, mais conhecido como festa da banana, foi realizado pela prefeitura em parceria com a associação, com intuito de promover a cultura local, já que a alguns anos atrás a comunidade do Carioca exportava caminhões de Bananas para Belo Horizonte, além do carioca outras comunidades rurais também possuíam o hábito de consumir a banana em sua alimentação diária e comercializava em mercados locais, como a comunidade Facadinho.

Neste festival as feirantes levaram alguns produtos à base da banana e também produtos produzidos por elas artesanalmente, além das feirantes também estavam presentes alguns

comerciantes da região. Houve duas festas, uma no dia 29 de abril de 2022 e outra no dia 29 de abril de 2023, as festas duraram em média quatro dias, ambas as festas tiveram o mesmo intuito.



Figura 85. Feirante Dona Santa e Sr. Ronaldo na festa da banana, data: 04/05/22 Fonte: Facebook Pref Morro do Pilar



Figura 84. Feirante Regina na festa da banana, data: 04/05/22 fonte: facebook pref Morro do Pilar



Figura 86. Feirante Conceição durante a festa, Fonte: Facebook Pref de Morro do Pilar data: 04/05/23



Figura 87. Lucas: pioneiro na busca da implementação de uma feira em Morro do Pilar, Fonte: Facebook Pref de Morro do Pilar, Data: 04/05/23

Na primeira festa da banana muitas feirantes participaram, já na segunda apenas a Regina e a Dada foram participar do evento. O Lucas, mencionado anteriormente, também participou dessa festa, ele comercializou drinks e shop artesanal durante a festa.

As feirantes também participaram do Forro do Povo a alguns anos atrás antes da pandemia, e nessa participação as feirantes ganharam duas barracas para o uso exclusivo das participantes da feira, nessa época o valor para alugar uma barraca no evento era aproximadamente 1,200 reais, mas graças a prefeitura elas tiveram acesso gratuito a elas, no evento elas comercializaram, tropeiro, quentão, banana frita, bebidas como cerveja e refrigerante, caldo de mandioca, e artesanatos como roupas e bolsas de crochê. O forro do povo é uma festa tradicional da cidade que ocorre desde o mandato do Clero que foi prefeito de Morro do Pilar do final da década de oitenta ao início da década de 90, que em uma viagem para fortaleza região nordeste do país e se encantou com uma festa típica da região, chegando em Morro do Pilar o prefeito Sr. Clero decidiu realizar o Forro do Povo afim de reunir toda a população do município de Morro do Pilar a festa é realizada a 37 anos, e acontece no campo de futebol do município, com shows, rodeios, barracas com diversos produtos, como salgadinhos, brinquedos, balões, bebidas, e entre outros.

As feirantes tem grande influência quando se trata de eventos culturais, recebendo diversos convites de órgãos competentes como a prefeitura e a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), garantindo a preservação da cultura e tradição local com comidas e artesanatos que estão presentes no cotidiano e na historicidade de Morro do pilar.

A participação das feirantes em festas culturais traz mais alegria e diversidade de experiências alimentares marcantes pelo sabor dos pratos preparados pelas mesmas. O trabalho voluntário das feirantes traz beneficio a pessoas que precisam de ajuda e promovem entretenimento daqueles que estão presentes, elas ganharam bastante destaque após trabalharem na Feira de Agricultura e Artesanato de Morro Do Pilar, por trabalharem em prol do bem-estar social, que é muito importante para a comunidade.

3.3. A Juventude Feirante

A juventude presente na feira era composta por jovens, filhos das feirantes que participavam com o objetivo de ajudar as mães e também de interagir com outras pessoas. Cada jovem ficava na barraca ajudando suas mães com a organização, comercialização e com a divulgação. Na organização todos os jovens ajudavam não só as mães, mas também as suas colegas de feira com a montagem das barracas e organização dos produtos, e ao final da feira eles ajudavam a desmontar e guardar as barracas e os materiais usados. Na comercialização eram responsáveis por pesar os produtos já que as suas mães precisavam atender os clientes, ou não sabiam usar a balança digital e preferiam que seus filhos fizessem a pesagem das mercadorias, alguns ficavam responsáveis pelo caixa, e enquanto suas mães embalavam os produtos o filho passava o troco para o cliente.

Em alguns momentos em que a mãe precisava sair ela deixava o filho responsável pela comercialização dos produtos, geralmente elas saíam perto do fim da feira, momento em que o movimento e as vendas haviam caído. Outras já preferiam pedir seus filhos para saírem e resolverem todas as questões que precisavam resolver, com banco, compras e produtos que precisavam entregar na casa de algum cliente que não podia ir até a feira ou carregar peso, por ter algum problema de saúde.

No início da feira o número de jovens eram maiores, e entre eles estavam Aiê filha da Eliziara, João Vitor e Irã filhos da regina, e Alice filha da Santa, no decorrer da feira entraram a Ana Luiza filha da Gilsa, Maria Eduarda filha da Neuza que ficaram por um curto tempo. Nos últimos anos de funcionamento da feira só restaram Aiê, João Vitor, Irã e eu já que muitas feirantes saíram da feira e com isso seus filhos também, atualmente com a volta da feira ficaram apenas o Irã, João Vitor, Poliana Filha da Vânia e eu Alice, nessa volta da feira apenas uma jovem começou a participar, a Poliana.

3.4. Valorização da cultura e dos saberes tradicionais na produção agroecológica e artesanal

Os produtos das feirantes são produzidos de forma artesanal e agroecológica, as hortaliças e grãos como milho, feijão, arroz, amendoim, e entre outros são produzidos sem o uso de fertilizantes e inseticidas com química, isso torna a produção mais orgânica, fazendo com que os alimentos consumidos por elas e pelos seus clientes só tragam benefícios. As

agricultoras usam inseticidas e fertilizantes naturais, feitos com ervas como a fumária *officinalis*, mais conhecida pelas agricultoras como fumo, álcool de cereais, carvão vegetal, detergente e vinagre, esterco de vaca, cavalo e galinha, adubação foliar, calda bordalesa, enxofre, cinza de fogão a lenha, óleo de cozinha, urina de vaca, e entre outros. Ao plantarem uma lavora elas não se importam muito com os insetos, pelo fato de serem bem poucos e não prejudicarem as plantas.

Esses métodos de adubação e dedetização naturais contribuem em muitos aspectos para o solo e as plantas, causando uma melhora na produção.



Figura 88. Planta fumária *officinalis*, Fonte: site Tyba, disponível em. http://tyba.com.br/br/registro/cd353_153.jpg/-Detalhe-de-flor-e-sementes-de-tabaco-na-zona-rural-da-cidade-de-Guarani----Guarani---Minas-Gerais-MG---Brasil.

As feirantes aprenderam a plantar de forma agroecológica com seus antepassados como pais e avós, por este motivo seus conhecimentos sobre as formas de plantio são saberes tradicionais que foram passados de geração em geração até os dias de hoje.

(...) desde criança eu já conhecia essa agricultura, por que eu fui nascida e criada através dessa agricultura, por que meu pai produzia o próprio alimento da gente comer, a gente não comprava em supermercado, meu pai produzia e a gente tava todo mundo junto ajudando na produção, pra leva pra dento de casa pra consumir por que ele não buscava alimento de supermercado, ele produzia pra trata da família(...). (Entrevista 1- Regina . Data 28/03/23. Arquivo do pesquisador)

Como a Dona Santa relata, ela nasceu e foi criada trabalhando na lavoura com o pai, e foi nesse período que ela aprendeu a plantar de forma agroecológica, assim como a Regina, filha do Sr. Luciano, que aprendeu com seu pai como plantar alimentos mais saudáveis, e esses ensinamentos passados pelos seus pais foram aprendidos com os antepassados deles já que naquela época era comum plantar apenas para subsistência de suas famílias. Essa era a forma que eles encontraram para sobreviver, pois ambos tiveram muitos filhos e se não plantassem eles não teriam alimento na mesa, e aquele alimento que sobrava e poderia perder era comercializados entre vizinho e pessoas que não tinham do mesmo alimento.

(...), mas desde sempre meu pai era agricultor, vendia aí de porta a porta, às vezes vinha da roça né, com o produto para tá levando, aquilo que a gente não consumia na roça. Então ele teve a oportunidade através do Lucas dela Lapinha de viajar expondo, depois teve a ideia da minha mãe mas outros três quatro produtores de começar uma feirinha, porque ele participou fora gostou da ideia os produtos eram o mesmo, aprenderam algumas outras técnicas, coisa que a gente sabe lidar com o povo, falou não a gente pode sim montar a feirinha, vamos tentar, às vezes ia uma duas pessoas na feira, trazia aquele tanto de mercadoria, voltava com ela para casa, dava muito produto para os outros, porque tem produtos que são perecíveis não dá para ficar indo para lá para cá, mas foi através dele que eu até hoje em dia eu tô firme (...). (Entrevista 3- Regina . Data 17/04/23. Arquivo do pesquisador)

Como afirma a entrevistada, os ensinamentos que ela carrega hoje sobre a produção agroecológica e sobre a duração desse alimento foram passados pelo seu pai, e graças ao aprendizado passado por ele e a influência que ele trouxe como produtor rural que ela está até hoje trabalhando como produtora rural e como feirante.



Figura 89. Horta da Dona Santa, Fonte: Acervo próprio



Figura 91 . Canteiro de alface da Dona Santa. Fonte: Acervo próprio



Figura 90 frutas e legumes colhidos pela Regina. Fonte: Whatsapp, data 19/04/23



Figura 92. Lavoura de Feijão e milho plantada pela dona Santa e sua família. Fonte: Acervo próprio

Podemos observar nas fotos acima que os produtos das agricultoras são muitos atraentes em relação a sua aparência e tamanho, ao contrário do que o agro nos faz acreditar, que os produtos não crescem sem o uso de fertilizantes químicos. A agroecologia nos mostra que seus produtos são mais desenvolvidos em relação ao sabor, qualidade e a aparência quando se usa um método de produção mais sustentável. Ao contrário do agro que produz alimentos que são prejudiciais à saúde por conter agrotóxico que poluem o solo, rios e ar e por usarem maquinários que liberam poluentes

O agro polui e degrada o meio ambiente, fazendo com que as pessoas não tenham acesso a uma alimentação saudável e água potável, e a agroecologia vai contra esse modelo de destruição. Na agroecologia os agricultores trocam sementes, preservam as sementes crioulas evitando o desaparecimento das mesmas, cuidam do solo e das nascentes. Em muitos momentos pude presenciar as trocas de espécies de plantas que estavam desaparecendo pelas feirantes e pela minha mãe, alguns meses atrás minha mãe conheceu um rapaz que trabalhava na Vale, empresa mineradora, e eles viviam trocando sementes que eu nunca tinha ouvido falar, por serem plantas que estavam desaparecendo aos poucos em nossa região.



Figura 94. Milho Crioulo produzido pela Dona Santa. Fonte: Acervo Próprio

As feirantes guardam ensinamentos importantes sobre os métodos de preservação ambiental, e eu Alice aprendi com minha mãe Dona Santa a preservar nossas nascentes, desde dos meus 13 anos de idade, minha mãe sempre dizia que era muito importante nos mantermos nossas nascentes rodeadas de árvores, uma árvore que ela falava muito era a bananeira, por que ela acreditava que era uma árvore que favorecia no aumento do nível da água da nascente. Além desse ensinamento meu irmão e eu aprendemos muitas coisas sobre métodos de plantio com minha mãe por ajuda-la na lavoura desde pequenos, como plantar em litros descartáveis e caixas de leite entre outros materiais, e esse aprendizado nos ajudou muito no nosso desenvolvimento pessoal.

Durante a pandemia, fiz uma entrevista com a Dona Santa Judite seu marido Aldair, sobre o uso de agrotóxicos, para a professora Débora, e eles me passaram quais eram os processos usados para preparar a terra e quais fertilizantes e inseticidas naturais eles usavam como afirma os relatos da Dona Santa e Aldair:

Primeiro fazemos o preparo da terra, primeiro quebramos a terra pra depois adicionar o esterco de gado e esperamos três dias para plantar as sementes. (Dona santa. Entrevista realizada durante a pandemia, Arquivo do pesquisador)

Nós usamos insumos orgânicos, como esterco de galinha, cavalo, e gado, carvão moído, um fertilizante feito com fumo natural e álcool. (Aldair. Entrevista realizada durante a pandemia, Arquivo do pesquisador)

O processo de quebra da terra é feito para formar os canteiros, esse processo é feito com a enxada, e logo depois é misturado o esterco (fertilizante natural), eles acreditam que alguns fertilizantes não são totalmente naturais, por exemplo o gado e tratado com antibiótico, ou seja, o esterco não é totalmente livre de componentes químicos e eles usam o álcool de cereais que é um produto industrializado e pode conter componentes químicos que não fazem bem a saúde. Entretanto essa visão é algo errôneo, já que o esterco do gado e de galinha não traz nenhum malefício, já que são fertilizantes orgânicos, sendo assim eles não oferecem riscos à saúde humana, dessa forma os agricultores tem a produção totalmente agroecológica. Em relação ao álcool de cereais, ele pode sim ser usado nas hortaliças pois não oferece risco algum a saúde, já que ele também é usado em bebidas alcoólicas.

O compartilhamento de saberes tradicionais passados de um para o outro que torna a feira um movimento em prol da agroecologia, que fomenta a economia local trazendo renda para muitos agricultores locais e para artesãs, que assim como as agricultoras, aprenderam tudo o que sabem com seus antepassados. O chapéu de palha indaiá é algo que está presente na cultura local e que as artesãs que frequentam a feira mantem. A extração de palha do coqueiro indaiá tem todo um processo específico para que não ocorra a extinção da espécie, o que torna o a produção artesanal de chapéu de palha sustentável. Os objetos como apoio de panela, colher de pau, moveis de bambu cestos de taquaraçu, taquara e palha de indaiá, são produzidos da mesma forma, prezando pela sustentabilidade e preservação do meio ambiente.

Esse movimento de comercialização de produtos orgânicos mudou muito a alimentação e a saúde das pessoas que compravam na feira, por que essas pessoas evitavam de comprar no supermercado, e ajudou também na alimentação das feirantes e da sua família, por que ao irem para a feira elas tinham contato com uma diversificação de alimentos muito grande, e isso tornava a feira um lugar de cuidado com a alimentação e com a saúde como afirma Meirelles (2004) “No entendimento dos integrantes desse núcleo, isso demonstra o resgate da riqueza alimentar dessas famílias e a presença de uma renda direta ou indireta às vezes superior àquela obtida pela comercialização dos produtos destinados ao mercado.”

Algumas pessoas iam a feira só pra procurarem ervas para fazer chá, alimentos mais saudáveis, receitas de remédio naturais, e isso é muito rico para a comunidade, além dos clientes as feirantes também tinham o hábito de separar os alimentos que elas não tinham em casa.

Então aqui eu vejo que a qualidade da alimentação aumentou muito, melhorou muito assim com as trocas que a gente fazia né, tanto ao final da feira com os produtos que sobravam, quanto desde o início, a gente já ia marcando selecionando os produtos das amigas que a gente queria né, já guardando os nossos, então essa variedade nessa troca entre produtos diferentes uma com a outra enriqueceu muito assim, toda vez que eu chegava da feira era uma diversidade de alimentos, que sem ir lá, sem participar a gente não teria aqui, então a troca foi muito importante para ampliar a qualidade da alimentação aqui em casa. (Entrevista 2- Elisiara. Data 02/04/23. Arquivo do pesquisador)

Como a entrevistada afirma a feira era um ambiente em que as trocas favoreciam na melhora da alimentação. Além das trocas o fator de estar comprando um alimento produzido localmente de forma mais orgânica contribuía para o bem estar social e economia local, já que dessa forma as feirantes estavam contribuindo para promoção de uma alimentação saudável e acessível para todos. Outra forma de melhoria na alimentação foram os programas de aquisição de alimentos como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), que as feirantes participavam, com as entregas para as escolas e para a prefeitura elas conseguiram ampliar ainda mais a comercialização, fazendo com que muitas pessoas tivessem acesso a alimentos de qualidade, e isso contribuiu para segurança alimentar de muitas famílias e estudantes, diversificando o cardápio das escolas e garantindo o acesso a uma boa alimentação com os kits entregues através dos Programas de Aquisição de Alimentos (PAA).

Os alimentos entregues pelas feirantes estão presentes na cultura e culinária local, como a banana, rapadura, urucum mais conhecido como colorau e entre outros, e isso torna as entregas algo que promove a cultura local no ambiente escolar através da alimentação.

Ao comercializarem para as escolas e prefeitura as feirantes traziam uma grande variedade alimentar e nutricional para os alunos e comunidade, além de fazer um trabalho em prol do bem de todos e não apenas do lucro.

3.5. Feira como lugar de transformação social e protagonismo das sujeitas

As feirantes são mulheres, produtoras rurais e provedoras do lar, algo que as torna mulheres fortes e determinadas, ambas comandam os trabalhos na lavoura e na produção artesanal, os maridos ajudam nas tarefas mais pesadas, mas quase todo o trabalho é feito por elas. E na feira elas ganharam muito destaque por ser maioria e por terem a gestão da organização da feira em suas mãos. Essas mulheres conquistaram sua independência financeira

graças ao seu trabalho como produtora rural, feirante, raizeiras, artesãs e parteiras elas foram ganhando mais força, união e mais prestígio.

(...)Então para mim já vem desde a constituição da associação né, a gente não sabia que ia ser assim, a base da associação ia ser a feira né, quando a gente montou a gente logo achou que poderíamos estar fazendo feira nos feriados, e então assim desde da constituição da associação, trouxe uma sensação assim de união né, de estar fortalecendo entre nós a nossa organização, a gente tem essa especificidade de ter uma raizeira na nossa associação, que é uma pessoa que gosta de fazer remédio, que recebe as pessoas em sua casa, que faz uma consulta da bioenergética, então esse é um lado muito forte, nós temos uma parteira ancestral também né, que é a Dona Tereza, que vive no quilombo né, nós temos todas essas mulheres agricultoras que estão na ativa, então tem também uma participação pouca mas tem as artesãs também que a gente sempre oferece apoio no caso delas precisarem da associação né, na organização de feira, de feira da Expominas em Belo Horizonte, então assim ampliou bastante a nossa relação com a comunidade né, entre nós agricultores, fortalecendo esse trabalho da dona Maria com o encontro das raizeiras parteiras e agricultoras, que a gente faz uma vez por ano, já fizemos quatro vezes, é o momento que vem também raizeiras da região metropolitana,(...). (Entrevista 2- Elisiara, Data 02/04/23. Arquivo do pesquisador)

Essa união entre as mulheres da feira foi algo muito enriquecedor, para a promoção de encontros, para o fortalecimento dessas mulheres em relação ao seu trabalho e ao fato delas serem mulheres e irem à frente de um trabalho considerado pesado para elas. O trabalho como produtor rural nas comunidades de Morro do pilar é mais predominante entre as mulheres pelo fato dos homens pensarem que o trabalho na lavoura não garante o sustento da família, quando na verdade os alimentos produzidos pelas produtoras rurais são ainda maiores do que os alimentos comprados em supermercado.

É pois é né a gente naturalmente acabou reunindo as mulheres mesmo né, eu acho que pôr as mulheres estarem a frente aí dessa questão de prover o alimento né, de plantar, de conhecer mesmo ali na prática o valor de uma horta, de um roçado, de uma produção ali de melado, do aproveitamento de frutas. Então até tinha um outro companheiro que aparecia de vez em quando, mas era na época da produção do abacaxi, que ele tem uma roça de abacaxi, depois ele sumia para lá, e naturalmente acabou sendo mais as mulheres né, não só na feira mas no PNAE também, aqui a gente tem mais a participação das mulheres. (Entrevista 2- Elisiara. Data 02/04/23. Arquivo do pesquisador)

Como a entrevistada afirma, a mulher reconhece o valor do roçado e da horta, já os homens tem uma visão de que o trabalho como assalariado é melhor do que o trabalho como produtor rural. Entretanto o trabalho como produtor rural foge da subordinação pelo capital, e se torna um trabalho mais livre e mais independente, pois sua jornada de trabalho é programada por si próprio, e pelo fato de produzir uma grande parte dos alimentos que consome o produtor

rural foge do consumismo exacerbado, o que o leva a ter uma autonomia maior em relação aos seus gastos e alimentação.

Essa forma de resistência é algo que muitos desses homens não entendem por não terem acesso à educação, serem pessoas que se sujeitam ao capital por acharem que depende dele, essa é uma visão muito alienada que o próprio capitalismo impõe nas pessoas. As mulheres não pensam dessa forma, por buscarem ter sua renda a partir do trabalho como produtora rural e saber que o lucro é o suficiente e que se houvesse ajuda do marido elas teriam uma alta lucratividade, por produzirem em grande escala.

A lucratividade das feirantes na feira depende muito de quanto elas vendem e quantidade de produtos elas levam, e da época do ano, porque em determinadas épocas as feirantes não produzem hortaliças, de fevereiro a outubro elas plantam horta e de outubro a fevereiro ela plantam roças de milho, feijão, arroz e entre outros, sendo assim em determinadas épocas do ano elas só tem alguns tipos específicos de produtos, o que leva ao fato de que a lucratividade delas não está relacionado a um valor fixo. Outro fator é que nem todas as feirantes plantam hortaliças ou grandes lavouras, sendo assim sua renda fica concentrada em apenas uma forma de produção. Entretanto existem feirantes que plantam horta e lavouras, mas uma parte é destinada para o consumo próprio e outra bem menor é destinada para a comercialização na feira.

No quadro abaixo estão os valores dos produtos que eram comercializados pelas feirantes na feira de Morro do Pilar em meados de 2020.

Preço dos produtos da agricultura familiar comercializados na Feira em 2020		
Produto	Unidade de Medida	Preço
Abobora japonesa	kg	R\$:3,00
Abobora	Kg	R\$: 3,00
Abobora D'agua	Kg	R\$: 3,00
Abobora Moranga	kg	R\$: 3,00
Alho poró	Moí	R\$: 2,00
Almeirão	Unidade	R\$: 2,50
Alface	Unidade	R\$: 2,50
Agrião	Moí	R\$: 2,00
Acelga	Moí e unidade	R\$: 2,00

Acerola	Kg	R\$: 5,00
Banana	Dúzia ou Kg	R\$: 2,00
Beringela	Kg	R\$: 3,00 ou 2,00
Beterraba	Kg	R\$: 3,00 ou 2,00
Brócolis	Moí	R\$: 2,00 ou 3,00
Couve	Moí	R\$: 2,00
Couve flor	Unidade	R\$: 3,00
Cenoura	Kg	R\$: 2,85
Cebolinha	Moí	R\$: 2,00
Doces	Kg	R\$: 5,00 ou 10,00
Espinafre	Moí	R\$: 2,00
Farinha de mandioca	Kg	R\$: 12,00
Pimenta	Kg	R\$: 10,00
Melado	Litros	R\$: 6,00
Rapadura		R\$: 20,00
Jiló	Kg	R\$: 2,00
Mandioca	Kg	R\$: 3,00
Milho	Unidade	R\$: 1,00
Quiabo	Kg	R\$: 7,00 ou 8,00
Repolho		R\$: 5,00
Óleo de coco indaiá	250 gramas	R\$: 15,00
Óleo de copaíba	Gramas	R\$: 15,00
Inhame	Kg	R\$: 3,00 ou 4,00
Muda de açaí	Unidade	R\$: 1,00 ou 2,00
Rúcula	Moí	R\$: 2,00
Mostarda	Moí	R\$: 2,00
Taioba	Moí	R\$: 2,00
Tomate	Kg	R\$: 2,80
Pimentão	Kg	R\$: 3,00
Pepino	Kg	R\$: 2,00
Queijo	Unidade	R\$: 12,00
Quentro	Moí	R\$: 2,00
Salsinha	Moí	R\$: 2,00

Muçarela	800 gramas	R\$: 16,00
----------	------------	------------

O lucro com a feira varia de cinquenta a cem reais no dia, sendo assim não era possível ter um valor fixo do que as feirantes lucravam em um mês, mas pelos relatos de algumas entrevistadas é possível perceber que o lucro era o suficiente para elas conquistarem seus objetivos. “Assim a minha própria moradia né, que eu consegui juntar um dinheirinho pra tá ajudando a compra a chácara, a construir a casa, a minha moradia, a nossa moradia”. (Entrevista 1- Santa. Data 02/04/23. Arquivo do pesquisador). Sendo assim, a renda que era adquirida com a feira era um valor significativo, que trazia um certo poder de compra, mesmo que ele não fosse muito grande.

Atualmente os produtos das feirantes estão com o valor mais alto, e a rentabilidade um pouco maior, como podemos observar na foto abaixo de um levantamento feito pela Helena, representante da EMATER, dos valores de cada produto da agricultura familiar comercializado na feira para disponibilizar para as escolas estaduais do município que recebem as entregas do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

PESQUISA DE PREÇO- CHAMADA PÚBLICA/ AGRICULTURA FAMILIAR						
SRE:						
MUNICÍPIO: MORRO DO PILAR						
PRODUTO	UNIDADE	Data:			Preço Médio	0
		REGIÃO	CIIDADE	ALMOORSA		
ABOBORA JAPONESA	Kg	5,29	5,20	5,30	0,00	
ABACAXI	Kg	5,75	5,00	5,50	0,00	
ABOBORA MORANGA	Kg	2,89	3,00	5,29	0,00	
ACEROLA	Kg	6,00	6,00	6,00	0,00	
ALFACE	Kg	4,00	4,00	4,00	0,00	
ALHO	Kg	36,00	35,00	35,00	0,00	
ALMEIRÃO/CHICÓRIA	Kg	4,00	5,50	5,00	0,00	
BANANA	Kg	4,60	5,00	5,00	0,00	
BATATA DOCE	Kg	6,80	3,00	7,00	0,00	
BETERRABA	Kg	5,99	5,00	5,50	0,00	
BRÓCOLIS	Kg	9,98	10,00	10,00	0,00	
CEBOLINHA	Kg	4,00	3,50	3,50	0,00	
CHUCHU	Kg	5,20	5,50	5,50	0,00	
COLORAU	Kg	36,80	35,00	35,00	0,00	
COUVE	Kg	4,00	3,00	4,00	0,00	
FARINHA DE MANDIOCA	Kg	14,80	15,00	15,00	0,00	
FUBÁ DE MILHO	Kg	6,50	7,00	7,00	0,00	
INHAME	Kg	11,30	10,00	10,00	0,00	
LARANJA CAMPISTA	Kg	5,80	5,00	5,00	0,00	
LIMÃO TAITI	Kg	2,05	3,00	3,00	0,00	
MANDIOCA	Kg	2,59	6,00	6,00	0,00	
MANGA	Kg	11,00	3,00	3,00	0,00	
MARACUJÁ	Kg	11,80	14,50	14,00	0,00	
MEXERICÁ PONKAN	Kg	8,40	3,00	3,50	0,00	
MILHO	Kg	5,20	5,00	6,00	0,00	
OVOS	dúzia	15,00	15,00	15,00	0,00	
PIMENTÃO VERDE	Kg	8,90	9,00	9,00	0,00	
RAPADURA	Kg	16,90	13,00	16,30	0,00	
REPOLHO	Kg	4,80	5,00	5,00	0,00	

Figura 92. Tabela de preços. Fonte: Acervo próprio

Esses produtos estão com valores diferentes justamente pelo fato de que nem todas as feirantes plantam dos mesmos produtos, algumas feirantes tem a sua produção voltada para derivados da cana e mandioca, colorau, banana, doces e entre outros, e outras feirantes tem sua produção voltada para as verduras, legumes e frutas, sendo assim elas se baseiam em valores

diferentes.

Graças a feira, as feirantes tem mais autonomia e liberdade financeira, elas não dependem do marido para compra aquilo que elas querem, e muitas vezes até ajudam o companheiro a comprar aquilo que precisam. Minha mãe, Dona Santa, ajudou meu pai Sr. Afonso em vários momentos com o dinheiro que lucrava na feira. Ela ajudou meu pai a comprar um terreno, construir e mobiliar a casa e entre outras coisas. A Regina é mãe solo e com o lucro da feira ela consegue comprar coisas pra ela e seus filhos.

(...) Como feirante, como produtora rural, vários benefícios porque eu não tenho um salário fixo, então eu sabia que toda quinta-feira eu ia ter o dinheirinho extra né, para poder tá comprando aquilo que eu precisava e em questão de saúde também né (...). (Entrevista 3- Regina. Data 17/04/23. Arquivo do pesquisador)

Como a mesma relata, elas têm na feira a garantia de que ela teria um dinheiro extra pra ajudar em suas despesas, sendo assim a feira é importante para a subsistência das feirantes. Mesmo que o lucro não fosse muito grande, ela também deixa claro em sua fala que com seu trabalho como produtora rural ela também teve lucratividade, e quando ela fala do seu trabalho como produtora, ela está falando sobre a participação em programas de aquisição de alimentos como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o programa de aquisição de Alimentos (PAA) que ajudam muito as feirantes a ter uma renda maior, e para que seus produtos tenham uma valorização maior, nesses programas é feito um levantamento dos valores usados na feira para colocarem nos editais, com isso as feirantes entregam seis meses para a escola e recebem um valor significativo pelos produtos, o que proporciona a independência financeira das feirantes.

As feirantes também fazem entregas para o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), entretanto essa entrega não é muito lucrativa para elas, mesmo assim elas fazem questão de entregar, porque todos os produtos entregues ao Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) para fazerem kits, que são entregues para famílias carentes do município e região. As feirantes se sentem na obrigação de entregar, mesmo recebendo pouco pelas entregas elas mandam os melhores produtos, algo que não é necessário já que a prefeitura pede que elas entreguem produtos que estão em maior quantidade em suas hortas e lavouras. Esse gesto feito por elas é algo solidário e sem interesse monetário.

As mulheres artesãs assim como as produtoras rurais, não tem uma renda fixa, elas ganham de acordo com que vendem, os produtos delas dificilmente sobem no valor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho consistiu em uma pesquisa com o objetivo de identificar os impactos que a feira trouxe para a vida das feirantes e da comunidade. Através desta pesquisa pude perceber que a feira em si já foi um diferencial na vida delas, é na feira que elas conquistaram a independência financeira, aprenderam receitas de remédios medicinais e métodos mais naturais para o cuidado com a saúde, fizeram amizades e tiveram relações sociais que proporcionaram a melhora da saúde mental, e são mulheres que se tornaram protagonistas de um movimento tão importante e valioso como a Feira de agroecologia e artesanato de Morro do Pilar.

É possível perceber que as feirantes adquiriram mais conhecimentos e aprenderam a cuidar melhor da saúde física e mental, e seu trabalho como feirante em muitos momentos foi algo que beneficiou a comunidade local com festas culturais que abordam a culinária local e eventos de solidariedade a fim de ajudar o próximo, a oferta de alimentos orgânicos, e tudo isso sem pensar apenas no financeiro, mesmo que através da feira elas conquistaram sua independência.

Através da pesquisa pude chegar à conclusão que a feira trouxe muitas transformações na vida das feirantes e para a comunidade por ser um movimento que preza pelo bem estar social, sendo assim o simples fato dela existir já traz um grande diferencial, por trazer a valorização de saberes tradicionais, resgate da cultura local, relações sociais e de trocas, que são aspectos que trazem a distração dos envolvidos e evita que questões culturais envolvendo a tradição camponesa caia no esquecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALDART, Roseli S. et al (orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo, Expressão Popular, 2012
- COUTINHO, Elisiara. **II Relatório Anual de Gestão da Diretoria. Associação Comunitária de Morro do Pilar**, 2016-2017.
- CUERVO, Maria Rita Macedo et al. **Feira agroecológica enquanto comunidade de prática: redes de sociabilidade, consumo e resistência**. Sociedade e Cultura, v. 22, n. 1, p. 281-298, 2019.
- LEITE, Terezinha. **Feira livre de Morro do Pilar é revitalizada com barracas doadas pela Emater**. Disponível em: https://www.emater.mg.gov.br/portal.do/site-noticias/feira-livre-de-morro-do-pilar-e-revitalizada-com-barracas-doadas-pela-emater-mg/?flagweb=novosite_pagina_interna&id=20471. Acesso em: 02/06/2022.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.
- MEIRELLES, Laércio. **Soberania alimentar, agroecologia e mercados locais**. In. Revista Agriculturas: experiências em agroecologia. v. 1, p. 11-14, 2004.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Vozes, 2001.
- RIBEIRO, Josildo Barros et al. **Feiras Agroecológicas**. Cadernos de Agroecologia, v. 13, n. 2, p. 6-6, 2018.
- SANTOS, Thiago Araújo. **Agroecologia como prática social: feiras agroecológicas e insubordinação camponesa na Paraíba**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2010
- SERVILHA, Mateus de Moraes; DOULA, Sheila Maria. **O mercado como um lugar social: as contribuições de Braudel e Geertz para o estudo socioespacial de mercados municipais e feiras**. In. Revista Faz Ciência, v. 11, n. 13, p. 123-123, 2009.
- SILVA, Mylena et al. **Importância das feiras agroecológicas para as mulheres e para a construção da agroecologia**. In. Cadernos de Agroecologia. v. 13, n. 1, 2018.

APÊNDICES

Nome:
Idade:
Sexo:
Nível de escolaridade:
Local de nascimento:
Cidade ou comunidade mora:
Área de atuação:

Roteiro de entrevista para a Simone

1. Quando a feira foi criada?
2. Quem teve a ideia e qual foi a motivação de realização da feira?
3. Como convidaram mais pessoas?
4. Quais foram os desafios da implementação da feira?
5. Como era a organização da feira?
6. Quem participou da feira em sua fase inicial?
7. Alguma instituição ofereceu apoio?
8. Como era feito o transporte?
9. Como os produtos eram expostos (barraca, bancas de madeira, no chão)?
10. Por que você saiu desse movimento de comercialização de produtos?
11. Quais produtos vocês levavam para a feira?
12. Os produtos eram agroecológicos? Se sim por que produziam de forma agroecológica?
13. A comercialização dos produtos era feita apenas em Morro do Pilar?
14. As pessoas elogiavam seu trabalho?
15. Vocês fizeram amizades a partir da feira?
16. A participação na formação da feira mudou algo na sua vida?

Nome:
Idade:
Sexo:
Nível de escolaridade:
Local de nascimento:
Cidade ou comunidade mora:
Área de atuação:

Roteiro de entrevista das feirantes

- 1- O que é a feira para você?
- 2- Após a atuação na feira, o que mudou na sua vida e trabalho como feirante?
- 3- Quem teve a ideia inicial de montar um associação para criar uma feira agroecológica?
Por que ele(a) teve essa ideia?
- 4- Quando a feira começou de fato? E quantos participantes tinha? Como os participantes foram convidados?
- 5- Como foi se aprimorando a organização da feira? (estrutura; gestão; chegada de público; relação com a prefeitura; relação com a comunidade; quantidade de venda e renda)
- 6- Quais instituições contribuía com a associação na realização da feira?
- 7- Por que a maioria das feirantes eram mulheres?
- 8- Quem participava da feira? (Eliziara)
- 9- Pra sua família, quais benefícios a feira trouxe?
- 10- Pra você, quais benefícios a feira trouxe?
- 11- Pra comunidade, quais benefícios a feira trouxe para a comunidade?
- 12- Você fez novas amizades na feira?
- 13- Você aprendeu coisas novas na feira? (Receitas, técnicas de plantio, informações sobre políticas públicas, história da comunidade)
- 14- Na feira as pessoas trocavam novidades da comunidade?
- 15- Qual foi a importância da feira para a promoção de uma alimentação saudável para a comunidade?
- 16- A feira promoveu articulações entre as mulheres da comunidade?
- 17- Como foi o processo de desmobilização da feira?
- 18- Você gostaria que a feira voltasse a acontecer? Por que?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Senhor(a), Você está sendo convidado a participar da pesquisa **“A HISTÓRIA DA FEIRA DE AGROECOLOGIA E ARTESANATO DE MORRO DO PILAR-MG: Transformação social, valorização da cultura local e protagonismo feminino”** que corresponde ao trabalho final da Alice Cardoso de Araújo, no curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

A participação consiste em responder às perguntas apresentadas pela pesquisadora, todas relacionadas à sua relação com A Feira Agroecológica de Morro do Pilar – Minas Gerais. Você poderá fazer as perguntas que julgar necessárias para o esclarecimento de dúvidas, podendo se retirar da pesquisa a qualquer momento, se assim o desejar.

Possíveis riscos e desconfortos: Apesar de considerarmos que as situações de realização das entrevistas não oferecem riscos maiores que os existentes no cotidiano, você pode experimentar cansaço, desconforto, modificação nas emoções, estresse emocional ou incômodo durante o encontro. Caso isso ocorra, vamos agir para que seja passageiro: podemos mudar a forma do relato, convidar uma pessoa que você e ele(a) confie para acompanhar ou parar a qualquer momento. Caso ele/ela se sinta desconfortável por qualquer motivo e queira continuar em outro momento, marcaremos uma outra data para continuarmos nossa conversa.

Benefícios: Os benefícios deste estudo se relacionam com a possibilidade de entender e registrar sobre A Importância da Feira Agroecológica para o Município de Morro do Pilar (MG) para as feirantes e comunidade local.

Custos/Reembolso: Você não terá qualquer tipo de despesa para participar da pesquisa e também não receberá pagamento para participar.

Identidade e anonimato: Os participantes poderão decidir se suas identidades serão divulgadas ou mantidas anônimas, bem como quais informações fornecidas poderão ser tratadas de forma pública, o que será definido de maneira processual e em diálogo constante com os participantes, visando seu maior benefício.

Para qualquer esclarecimento ou dúvidas sobre o trabalho, basta entrar em contato com a Pesquisadora responsável: Alice Cardoso de Araújo - Telefone: (31) 999287511 e-mail: alucearaujo017@gamil.com.

Rubrica do responsável _____ Rubrica do pesquisador _____

Declaração de Consentimento

Eu, _____, RG nº _____
_____, responsável legal por
_____, nascido(a) em
_____/_____/_____, declaro que li as informações contidas neste documento antes de
assinar este termo de consentimento. Declaro também que toda a linguagem utilizada na
descrição deste estudo de pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi respostas
para todas as minhas dúvidas. Confirmo também que recebi uma via deste Termo de
Consentimento Livre e Esclarecido.

Declaro, portanto, ter sido informado(a) e concordo com a participação, gravação e uso
de imagens como participante no projeto de pesquisa **“A HISTÓRIA DA FEIRA DE
AGROECOLOGIA E ARTESANATO DE MORRO DO PILAR-MG:
Transformação social, valorização da cultura local e empoderamento feminino.”**

Cidade, _____ de _____ de 20____.

Nome e assinatura

Nome e assinatura do responsável por obter o consentimento

ANEXOS



Figura 96. Produtos Entregues. Fonte: Acervo da Elisiara



Figura 95. Dia 06 de junho de 2019. Fonte: Acervo da Elisiara

